



a la hora

Agosto de 1960

a liahona

AGÔSTO DE 1960

VOL. XIV — N.º 8

Órgão Oficial das Missões Brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Neste Número

EDITORIAL

Um Registro Permanente, Presidente Asael T. Sorensen 240

DE INTERESSE GERAL

As Missões Britânicas 242

Prega a Palavra, Presidente David O. McKay 246

Fé, Essa Conquistadora, James A. Little 250

As Autoridades Gerais da Igreja de Jesus Cristo 253

A Obra do Senhor, Elder Henry D. Taylor 257

Algo Está Faltando, Elder Marion D. Hanks 260

Preces para Aquecer Corações Frios, Leland H. Monson 268

Recreação — Espelho de Nossa Crença, Harold Glen Clark 271

SEÇÕES ESPECIAIS

A Igreja no Mundo 239

Jóias do Pensamento: A Amplitude da Obra Missionária, Elder Gordon B. Hinckley 239

Eu Gostaria de Saber, President Joseph Fielding Smith 244

Sacerdócio nas Missões: Pastor, Como Está Seu Rebanho 259

Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo 262

Seu Ramo 269

Reminiscências 270

Aceitamos suas contribuições mas não nos responsabilizamos pelos artigos não solicitados.

REDAÇÃO

Editores — Wm. Grant Bangerter, Asael T. Sorensen

Redatores — S. Layne Shockley, Sherwin W. Jamison

Diretor Gerente:

Clarel Mafra dos Santos

Registrado sob o N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras. Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.

PREÇOS:

Exterior: Ano US\$ 3,50

No Brasil: Ano Cr\$ 150,00

Exemplar: Cr\$ 15,00

Missão Brasileira

R. Itapeva, 378 - Bela Vista - C. Postal 862 - S. Paulo, E.S.P. - Fone: 33-6761



CONGRESSISTAS BRASILEIROS ENTREVISTAM A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Seis membros da Câmara Brasileira de Deputados entrevistaram na última semana de maio a Primeira Presidência, no Edifício dos Escritórios da Igreja.

O desenvolvimento da irrigação em Utah, pelos pioneiros foi assunto de discussão durante mais ou menos uma hora. Os brasileiros explicam que seu país está planejando um grande programa de recuperação do solo.

O grupo de congressistas incluía os Ilmos. Srs. Francisco Leite Neto, Eslácio Gonçalves Souto Maior, Manoel Cavalcanti de Novaes, Nilo de Souza Coelho, Ernani Ayres Souza, Lorival Batista com suas respectivas esposas assim como os intérpretes.



DELEGAÇÃO CHILENA EXPRESSA GRATIDÃO PELA AJUDA DA IGREJA

O Presidente David O. McKay recebeu de uma delegação parlamentar chilena, expressões de apreciação pela assistência que a Igreja prestou às áreas do Chile assoladas pelo terremoto, por ocasião da visita desse grupo a Salt Lake City, no dia 31 de maio.

Incluídos na delegação chilena encontravam-se os Senadores Julian Echavarrri Elorza, Partido Popular Nacional; Senador Hugo Zepeda Barrios, do Partido Liberal; Ignácia Palma Vicuma, da Câmara dos Deputados, afiliada ao Partido Democrata Cristão; Edmundo Eluchans Malherpe, também da Câmara dos Deputados, pertencente ao Partido Conservador Unido e Horácia Helvia Mujica, Secretária do Senado.

Após a conferência o Presidente David O. McKay declarou: "Recebendo os delegados do Chile, trouxe-nos muita satisfação o

(continua na página 241)

A AMPLITUDE DA OBRA MISSIONÁRIA

Excertos de uma alocução oferecida pelo Elder Gordon B. Hinekley, Assistente do Conselho dos Doze, durante a conferência geral, anual, realizada em abril de 1959.

Todos nós que aqui estamos, gozamos das muitas bênçãos do Senhor, porque servos de Deus saíram pelo mundo proclamando as algres novas do Evangelho, para benefício dos filhos de nosso Pai. Mais de 80.000 desse servos já seguiram.

Alguns anos atrás, fiz uma pesquisa sobre a descoberta do ouro na Califórnia, da qual participaram alguns homens do Batalhão Mórmon. Descobri que enquanto pessoas viajavam em direção ao oeste, por terra e por mar, em busca de ouro, missionários daqueles vales partiam em direção ao leste, também por terra e por mar, em busca de almas. E os dias de sacrifício ainda não estão superados. Os aproximadamente seis milhões de dólares consumidos no ano passado, não se resumiram a dólares, mas também a libras, francos, marcos, yens, pesos e cruzeiros.

Adicione ainda a isso o valor do tempo dos missionários. Estimando-o moderadamente em outros cinco ou seis milhões de dólares, você constatará uma consagração de pelo menos dez milhões de dólares anuais à obra de declarar a existência e a personalidade de Deus, o profundo significado da Expição, e a restauração da Igreja do Senhor guiada por apóstolos e profetas.

Em 1842, ou seja dois anos antes de sua morte, o Profeta Joseph Smith escreveu: "...Nenhuma mão profana poderá impedir a obra de progredir; Podem campear as perseguições, e o populacho conjugar seus esforços; os exércitos podem se organizar e a calúnia difamar, mas a verdade de Deus prosseguirá avante, nobremente, e independente até que tenha penetrado cada continente, visitado todos os climas, arrebatado os países sem exceção, e soado em todos os ouvidos, até que os propósitos de Deus sejam completados e o Grande Jeovah afirme que a obra está feita."

É esta, pois, a amplitude da nossa missão. E ela não estará completada enquanto o Grande Jeovah não disser que todo o trabalho foi cumprido.



Pelo Presidente Asael T. Sorensen
da Missão Brasileira do Sul.

UM REGISTRO PERMANENTE

Somos um registro permanente de tudo o que temos feito — seja bem ou mal. Não ganharemos um caráter bom só por desejá-lo. Os grandes exemplos podem estar diante de nós, mas até que tomemos a iniciativa de nos melhorar, ficaremos parados.

O Salvador nos deu um exemplo perfeito para seguir, e mandou que fôssemos perfeitos assim como o “Pai do Céu é perfeito”. Uma das grandes ordenanças da Igreja de hoje é a do Sacramento. Tomamos o Sacramento em lembrança do grande sacrifício do Salvador. Somos ensinados pelos líderes da Igreja, tanto da primitiva como da moderna, que devemos nos reunir amiúde para compartilhar do Sacramento em lembrança do Senhor Jesus e ir à casa de oração para oferecer nossos sacramento no Seu Dia Santificado.

Paulo escreveu que aqueles que tomam parte no Sacramento indignamente estão sob condenação. Nós vemos que hoje em dia as igrejas dos homens — sem a autoridade divina de Deus — dão o Sacramento a seus membros para que obtenham o perdão de seus pecados. Isto é exatamente o oposto do que o Salvador e seus apóstolos ensinaram.

Cristo pregou que devemos primeiramente nos arrepender de nossos pecados, segundo, ser batizados e confirmados, e terceiro, compartilhar do sacramento com o coração puro em lembrança deEle.

O primeiro sacramento foi administrado pelo próprio Salvador, um pouco antes de ter

sido traído. Ele tomou o pão, partiu-o, e ordenou que o comessem em memória de sua carne, e depois tomou do vinho, abençoou-o e os mandou bebê-lo, dizendo, “Fazei isto em memória de mim”.

Sendo a participação no Sacramento tão importante aos que estavam intimamente associados com Ele, para que não se esquecessem, quanto mais importante não será para nós, Seus discípulos de hoje em dia, que seguimos êstes moldes e obedecemos a êstes mandamentos. Estamos há quase 2.000 anos de Sua breve vida mortal, Sua crucifixão, Seu entêrro e gloriosa ressurreição. Temos muito maior necessidade de ser lembrados do sacrifício de nosso Redentor do que aqueles que viviam com Ele na terra.

O mandamento de compartilhar do Sacramento em Sua memória foi renovado nesta dispensação. Fomos instruídos a nos reunir frequentemente para compartilhar do Sacramento. Quando nós tomamos parte no Sacramento, renovamos nossos convênios com nosso Pai Eterno, e testemunhamos a Cristo que nos lembramos do Seu sacrifício, que realmente tomamos sôbre nós o Seu nome, e que queremos cumprir os mandamentos. Isto para termos sempre conosco o Seu Espírito Santo a nos manter livres de pecado.

Assim, cumprindo fielmente Seus mandamentos, compartilhando com freqüência e dignamente do Sacramento, nosso “Registro Permanente” será de boas obras, e não seremos confundidos pelo adversário, mas o Senhor nos guiará até o fim de nossas vidas mortais.

A IGREJA NO MUNDO

(continuação da página 239)

concluir que a Igreja havia-se manifestado não apenas por palavras mas também por socorro efetivo quando da terrível convulsão dos elementos que afligia a área de Santiago.

“Estou seguro de que os representantes chilenos apreciaram o imediato socorro enviado pela Igreja, ao povo do Chile tão lamentavelmente necessitado de assistência.”

O primeiro carregamento de cobertores, roupas e antibióticos autorizado pela Primeira Presidência seguiu caminho em menos de 24 horas após sua aprovação.

A United Airlines proporcionou transporte grátis para as aproximadamente 16 toneladas de carregamento, até Los Angeles, onde foram baldeadas para a Panagra Airlines, uma afiliada da Pan American Airlines, a qual deu-lhes veículo até Santiago, no Chile.

O Snr. Ray Dunlap, gerente de vendas da United Airlines, coordenou os trabalhos entre os oficiais da empresa de transporte aéreo e as autoridades da Igreja para apressar o andamento das cargas de socorro.

O Elder Henry D. Taylor, Assistente do Conselho dos Doze e diretor executivo do Plano de Bem-estar da Igreja, disse que a Primeira Presidência havia aprovado o carregamento de 2.500 cobertores, três toneladas de agasalhos de inverno inclusive muitos casacos, 5.000 doses de penicilina e 2.000 doses de injeções antitetânicas, 540 tapetes de retalhos para dormir e 131 pares sapatos.

Logo após seu desembarque, o carregamento foi entregue à Cruz Vermelha chilena de Santiago, para que lhe desse o melhor destino.

O Elder Taylor disse que o Presidente J. Vernon Sharp, da Missão Andina deveria trabalhar ao lado da Cruz Vermelha do Chile, prestando assistência aos membros da Igreja que estivessem enfrentando dificuldades.

Pelas palavras do Presidente Sharp ao Elder Marion G. Romney, do Conselho dos Doze, encarregado do Comitê Geral de Bem-estar da Igreja, alguns membros haviam sofrido grandes perdas em seus lares, mas não se soube que alguém tivesse ficado morto ou ferido.

Todos os missionários estão à salvo, e em boas condições, de acordo com declaração da Primeira Presidência.

O Presidente Sharp designou 10 missionários para integrarem o grupo de socorro da área afetada.

Cinco outros missionários acompanharam a unidade de medicamentos do exército americano a Valdivia. Um está na região devastada de Puerto Monte, lá servindo de intérprete para o hospital de campo do exército dos Estados Unidos. Quatro mórmons perderam seus lares durante a série de tremores de terra. Algumas famílias foram removidas para a Capela do Ramo de Concepcion que escapou de grande dano.

OS MÓRMONS DEDICAM UM MONUMENTO HISTÓRICO EM PENNSYLVANIA

Um local de destaque na história Mórmon foi assinalado no sábado, dia 18 de junho, quando três proeminentes guias da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias oficiaram os serviços dedicatórios de um imponente monumento em Oakland, Pensylvania, Estados Unidos.



Os Mórmons crêem que o sacerdócio divino, e o direito de batizar foi conferido, próximo a esse local, a Joseph Smith, fundador da Igreja, durante uma visita celestial feita por João Batista em 1829.

O Bispo Presidente da Igreja, composto pelos Bispos Joseph L. Wirthlin, Thorpe B. Isaacson e Carl W. Buehner, de Salt Lake City, Utah, falaram durante as cerimônias. Eles dirigem as atividades mundiais, concernentes ao Sacerdócio Aarônico. A todos os rapazes dignos, da fé Mórmon, é dado um cargo no sacerdócio, ao atingirem a idade de 12 anos. Mais de 60.000 membros e dirigentes desse grupo, em sua maioria jovens de menos de 21 anos, contribuíram para levar a cabo o projeto.

O referido monumento alteia-se num terreno de 200 acres, 23 milhas a sudoeste de Binghamton, Estado de Nova York. Lá, nas cercânias do rio Susquehanna, Joseph Smith e Oliver Cowdery receberam a autoridade de necessária e a instrução acerca do batismo por imersão. Embelezamentos tais como pavimentação e arborização estão sendo desenvolvidos na área.

O monumento de vinte e três toneladas e meia mede 8 pés em sua base, sustentando uma coluna de granito de doze pés de altura, na qual estão superpostas as figuras de Joseph, Oliver e João Batista.

Um monumento similar, localização na Praça do Templo, em Salt Lake City, foi dedicado em outubro de 1958, pelo dirigente Mórmon, David O. MacKay.

Joseph Smith chegou pela primeira vez a Oakland, (então denominada Harmony) em 1825. Lá encontrou e desposou Emma Hale. Em seu lar, que durante algum tempo situou-se próximo ao sítio do monumento,

boa porção do Livro de Mórmon foi traduzida dos registros antigos. Em 1829, Joseph mudou-se com sua esposa para Faytte, Estado de Nova York, onde a Igreja de Jesus Cristo dos Santos Unidos Dias foi organizada um ano mais tarde.

FESTIVAIS DE MÚSICA E DRAMA — PONTO CULMINANTE DA CONFERÊNCIA DOS JOVENS MÓRMONS

Três mil jovens atuantes, 24.000 líderes da juventude e 40.000 espectadores participaram da sexagésima conferência anual da juventude mórmon internacional, levada a cabo em Salt Lake City, Utah, de 9 a 12 de Junho.

Sessões gerais, aulas práticas e dois gigantescos festivais de música e drama constituíram os quatro dias de reunião dos moços e moças afiliados à Associação de Melhoramentos Mútuos, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Os participantes chegaram de virtualmente 50 estados dos Estados Unidos, Canadá, México e outros países.

Sessões de maior destaque da conferência esgotaram a lotação do Tabernáculo de Salt Lake e do Assembly Hall, na Praça do Templo, enquanto outros 20 edifícios extra da igreja, escolas, um salão de danças e um teatro estavam engalanados para as demais reuniões.

Entre os oradores destacou-se o Elder Henry D. Moyle, da Primeira Presidência da Igreja, os Elderes Mark E. Petersen e Howard W. Hunter, do Conselho dos Doze, assim como o Elder John Longden, assistente do referido Conselho.

Joseph T. Bentley e Bertha S. Reeder, que lideraram os jovens, moços e moças, encabeçaram a direção da conferência.

O ponto culminante do acontecimento, coube ao festival de drama constituído de 33 peças em um ato e road shows, que engalanou o Terrace Ballroom. Representações em matinê e vespertais, utilizaram três palcos separados, simultaneamente, na quinta-feira, sexta e sábado, cada um apresentando quatro produções mais os entre-atos.



Quinhentos atôres se exibiram demonstrando as melhores das peças em um ato dentre as 2.000 apresentadas, muitas originais mórmon, e nas quais, mais de 50.000 jovens associados demonstraram seus talentos, êste ano.

Um côro da juventude de 2.000 vozes fêz-se ouvir no festival de música, cujo tema foi, “Êste é o mundo de meu Pai”, apresentando-se em quatro sessões, nas noites de sexta-feira e sábado, no Tabernáculo de Salt Lake.

Os cantores, de 16-25 anos de idade, foram os melhores de 160 áreas regionais que se apresentaram em audiências para o lar. Com a concorrência das danças folclóricas em traje típicos, com acompanhamento instrumental, foram cantadas canções de 18 países.

O programa da juventude mórmon tem sua origem nos dias do pioneiros, quando Brigham Young instituiu um programa de atividades culturais e recreativas para os membros de sua família e outros jovens.

Larga participação através do mundo pelos membros da Igreja, tem tornado o festival de drama, e os campeonatos de bola ao cêsto e softball os maiores do mundo.

AS MISSÕES BRITÂNICAS

Um membro do primeiro Quorum dos Doze, Heber C. Kimball, escreveu o seguinte em sua história:

Sábado, dia 4 de junho de 1837, o Profeta Smith veio a mim, enquanto eu estava assentado na frente do púlpito, diante da mesa do Sacramento, no lado do Templo de Kirtland destinado ao Sacerdócio de Melquizedec, e segredou-me: “Irmão Heber, o Espírito do Senhor sussurrou-me assim; “Que meu servo Heber vá à Inglaterra e proclame o evangelho, e abra as portas da salvação àquele país. Life of Heber C. Kimball, por Orson F. Whitney, pag. 116).

O incidente acima descrito constituiu-se, por assim dizer, no marco do estabelecimento das Missões Britânicas. Heber C. Kimball, acatou a chamada, dirigindo-se portanto para a Inglaterra com seis Irmãos que voluntariamente se tinham oferecido para acompanhá-lo. Eram êles, Orson Hyde, Willard Richards, Joseph Fielding, John Goodson, Isaac Russel e John Snyder. Desembarcaram em Liverpool a 20 de julho de 1837, e depois de alguns dias de permanência naquêle lugar, dirigiram-se a Preston, onde morava o irmão do Elder Joseph Fielding, Reverendo James Fielding. Êsse reverendo proporcionou aos missionários uma

oportunidade de pregar em sua capela, e portanto foram realizadas três reuniões. Decorridos dez dias, a contar da data de sua chegada a Preston, já haviam batizado oito pessoas que pertenciam à congregação do Reverendo Fielding. Eram elas: George D. Watt, Charles Miller, Thomas Walmsley, Ann Elizabeth Walmsley, Miles Hodgen, George Wate Henry Billsbury, Mary Ann Brown Dawson.

Poderíamos abrir aqui um parêntese interessante. Aquêles que conhecem o Elder George Watt, Supervisor do Distrito de Capital, em São Paulo, estão-se deparando agora com frutos dessa primeira conversão na Inglaterra, pois êle é bisneto de George Watt, o primeiro converso da Missão Britânica.

A obra missionária estendeu-se rapidamente às vizinhanças e no fechamento do ano de 1837, a Igreja em Inglaterra computava na casa dos 300 o número de seus membros. Essa progressão tem continuado desde então, e mais de 135.000 conversos penetraram as águas do batismo no decorrer dos últimos cem anos.

As Missões Britânicas abrangem a Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda.

Até mais ou menos cinco meses atrás havia apenas uma missão nas Ilhas Britânicas, mas sob a direção do Elder Harold B. Lee ela foi dividida, e existem agora duas missões naquelas ilhas, a Missão Britânica, e a Missão Britânica Setentrional. O Presidente da primeira é o Elder T. Bowering Woodbury e o da segunda o Elder Bernard P. Brockbank que foi recentemente indicado àquele cargo. (Um histórico mais completo dessa divisão pode ser obtido no artigo "Igreja no Mundo", do número de maio de "A Liahona.")

As capas fronteira e trazeira do presente exemplar, retratam duas paisagens da Inglaterra. Na primeira capa, e recortada contra o sol, expõe-se a silhueta de um navio singrando o rio, Tâmis, em Londres. Sob uma tal circunstância, o barco sugere plagas longíquas e a sedução do mar. A Grã Bretanha foi sempre considerada uma grande potência marítima, e apesar de não mais possuir o controle dos mares que um dia foi seu, ainda é contada entre os maiores. A fotografia da última capa representa uma aldeia rústica, exibindo algumas construções de arquitetura tão antiga que bem poderiam ter sido erigidas na era de Robin Hood.



A Inglaterra é um país tradicional, como verificamos aqui. Chegada da carruagem real ao Palácio de Buckingham

JOSEPH FIELDING SMITH .

Presidente do Conselho dos Doze

Respondeu à sua pergunta.

EU
GOSTARIA
DE
SABER

Pergunta :

“Os Nefitas tinham uma igreja organizada antes dos dias de Alma?”

“Em nossa lição da semana passada, deparamo-nos com a seguinte questão: “É obrigatória a conclusão de que os nefitas não tinham uma organização eclesiástica antes dos dias de Alma?” Veja Mosiah 18:17-18, e 23:16-17.”

Para alcançar clareza quanto a esta matéria, vamos considerar as referidas passagens:

“E foram chamados a igreja de Deus, ou a igreja de Cristo, desde aquêlo tempo. E aconteceu que quem quer que fôsse batizado pelo poder e autoridade de Deus, era incluído na Sua igreja.

“E aconteceu que Alma, tendo autoridade de Deus, ordenou sacerdotes; e até um sacerdote para cada cinqüenta dêles, e ordenou-lhes que lhes pregassem e os ensinassem sôbre as coisas pertencentes ao reino de Deus.” (Mosiah 18:17-18).

“E Alma era então o seu Sumo-Sacerdote, sendo êle o fundador da sua igreja.

E aconteceu que ninguém recebeu autoridade para pregar ou ensinar, a não ser que fôsse de Deus e por seu intermédio. Ele, portanto, consagrou todos os seus sacerdotes e mestres; e ninguém foi consagrado, sem que fôsse um homem justo. (Mosiah 23:16-17).

Há sempre perigo na separação de passagens do seu contexto, pois falharemos na consideração de todos os fatores do relato histórico. Devemos lembrar que Alma foi um dos sacerdotes do rei Noé, no país de Lehi-Nefi. Igualmente devemos considerar que a colônia naquêlo país se separou do corpo geral da Igreja em Zarahemla. Nos dias de Amaleki, que registrou os feitos dos nefitas, uma companhia de nefitas, com Zeniff à sua frente, desejou ocupar a região que foi habitada pelos nefitas em primeiro lugar, e entraram em acôrdo com os lamanitas para possuir aquela região. (Omni 27-30, Mosiah 9).

Lá, estabeleceram um reino independente, o qual possuíram por muitos anos, porém em constantes guerras e brigas com os lamanitas. No decorrer do tempo, já sob o rei Noé, êles se tornaram muito iníquos. Foi nesse tempo que o profeta Abinadi foi assassinado, e Alma, que tinha aceitado os ensinamentos de Abinadi, reuniu a seu redor todos que queriam obedecer os mandamentos do Senhor. Fazendo isto, êle atraiu sôbre si a ira do rei iníquo, e êles tiveram que fugir de seus lares para o deserto, com a intenção de procurar seu caminho para o país de Zarahemla. A história de sua fuga, sofrimento e bênçãos da mão do Senhor foi registrada no livro de Mosiah. Enquanto estiveram no deserto, Alma organizou o seu grupo de crentes em um ramo e se refere a êle como o seu fundador. A nação dos nefitas ainda estava intacta no país de Zarahemla sob o segundo rei Mosiah. A referência sôbre Alma como fundador de sua igreja só se aplica aos refugiados que estavam fugindo do país da primeira herança dos nefitas. No decorrer do tempo, êles acharam seu caminho de volta para o corpo geral da Igreja, e Alma foi consagrado Sumo-Sacerdote de tôda a Igreja nos países ocupados pelos nefitas. Tendo diante de nós a história completa, vê-se claramente que Alma fez um serviço muito grande, libertando e organizando os refugiados que com êle saíram do país de Lehi-Nefi.

A colônia que Lehi guiou para fôra de Jerusalém era parte da Igreja de Jesus Cristo. Desde os dias de Adão até hoje, onde quer que os homens obedecem os mandamentos do Senhor, ali está a Sua Igreja, e as pessoas entram para ela obedecendo às mesmas ordenanças que são praticadas hoje em dia. Quando um missionário vai a um país estranho e por autoridade divina batiza um homem, torna-o assim um membro da Igreja de Jesus Cristo. Isto ocorreu nos dias de Abrão, Moisés, Elias, ou João Batista. Não é necessária uma organização completa de um ramo ou distrito para constituir a Igreja de Jesus Cristo. Onde quer que uma pessoa seja legalmente batizada, lá está a Igreja, ou pelo mérito dêsse batismo, a

pessoa se torna um membro dela. O reino de Deus e a Igreja são sinônimos. O profeta Joseph Smith esclareceu o assunto com as seguintes palavras:

“Alguns dizem que o Reino de Deus não foi estabelecido na terra antes do dia de Pentecostes, e que João Batista não pregou o arrependimento para remissão dos pecados; mas eu digo em nome do Senhor que o Reino de Deus esteve na terra desde os dias de Adão até o dia presente. Sempre que houve na terra um homem reto ao qual Deus revelou Sua palavra e a quem Êle deu poder e autoridade para administrar em Seu nome, e onde houver um sacerdote de Deus, — um ministro que tem o poder e a autoridade de Deus para administrar nas ordenanças do Evangelho, e officiar no Sacerdócio de Deus, lá estará o reino de Deus; e em consequência do rejeitamento do Evangelho de Jesus Cristo e dos profetas enviados, os julgamentos de Deus caíram sôbre povos, cidades, e nações em várias épocas dêste mundo, como foi o caso de Sodoma e Gomorra, destruídas por rejeitarem os profetas.”

O Livro de Mórmon nos ensina que o batismo para remissão dos pecados foi praticado pelos nefitas desde o começo. Ainda que a confirmação não seja mencionada, certamente os membros foram confirmados, pois existe abundante evidência do dom do Espírito Santo. Jacó nos deu uma definição muito clara com as seguintes palavras: “E Êle ordena a todos que se arrependam e sejam batizados em Seu nome, com perfeita fé no Santíssimo de Israel, pois, do contrário, não se poderão salvar no reino de Deus.”

“E, se não se arrependem e não acreditarem em Seu nome, e não forem batizados em Seu nome, e não perseverarem até o fim, serão amaldiçoados, pois que o Senhor Deus, o Santíssimo de Israel, assim disse.” (2 Nefi, 9: 23-24).

Se êles foram batizados, e tinham o dom do Espírito Santo nos dias de Lehi, então tinham uma igreja organizada, que atravessou tôda a história nefita, apesar das contínuas apostasias em seu meio.

PREGA A PALAVRA

Presidente David O. McKay



“Conjuro-te pois, diante de Deus”, escreveu Paulo a Timóteo, “e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino;

Que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exhortes, com tóda a loganimidade e doutrina.

“Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências;

“E desviarão os ouvidos da verdade voltando às fábulas.

“Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério.” (II Timóteo 4:1-5)

Estas palavras estão entre as últimas escritas por Paulo a Timóteo, seu filho na fé, que foi ordenado bispo dos efésios. Quando Paulo escreveu estas palavras era prisioneiro de Nero. Duas acusações foram apresentadas contra êle: uma, dizia que êle havia conspirado no incêndio de Roma e isto era alegado pelos partidários de Nero; a outra dizia que êle era acusado de introduzir uma religião nova e ilegal. E foi por êste motivo que Paulo foi prêso pela segunda vez. Muitos de seus amigos já o haviam abandonado. Dimas que pertencera à Igreja, o abandonara e voltara para sua casa. Alexandre, o caldeireiro, um apóstata, testificara contra êle, mas Lucas permaneceu a seu lado.

Evidentemente Pedro, Paulo e outros líderes da Igreja foram importunados por grupos apóstatas, em seus dias, do mesmo modo que os líderes de hoje são importunados por apóstatas que ursupam a autoridade, interpretam mal as Escrituras, e pregam doutrinas falsas. Com espírito caridoso talvez pudéssemos dizer que são importunados por apóstatas que não passam de doentes mentais.

Parece-nos que tódas as épocas do mundo foram afligidas por tais apóstatas, por essa verdade pervertida, e por uma juventude incorrigível, grupos de degenerados, que fazem com que cada época pareça pior do que aquela

que a precedeu. Por exemplo, ouçamos isto: "O mundo está atravessando períodos difíceis. Os jovens de hoje não pensam em mais nada a não ser nêles próprios. Não têm respeito pelos pais nem pela velhice. Impacientam-se perante as proibições, e falam como se só êles soubessem tudo. E quanto às moças, estão atrevidas, imodestas e sem feminidade no modo de falar, no comportamento e no vestir-se." Não, isto não se referia aos dias de hoje — isto foi escrito em 1274 DC. — Há 685 anos atrás!

Eis aqui outro trecho: "O Presidente Frederick C. Peny de Hamilton College, exprimindo a desconfiança dos melancolicos que encaram o mundo com alarme, citou estes escritos tirados de uma pequena tábua assiria, datada de 2800 A.C. como prova de que a proecia política de um futuro desastroso sempre foi predominante;

"A terra está se degenerando nestes últimos dias. Ha smais de que o mundo esta enegando a um fim rapidamente. O suborno e a corrupção são predominantes.

Os filhos não querem mais obedecer seus pais. Todo homem quer escrever um livro, e e evidente que o fim do mundo está se aproximando com rapidez." Isto foi escrito em 2.800 A.C.!

Pois bem, a época que estamos atravessando não constitui exceção. No micio do livro, "The Naked Comunist" (O comunista sem disfarce), de W. Cleon Skousen, nós encontramos a seguinte citação, (e eu recomendo a todos que leiam o excelente livro de Skousen):

"O conflito existente entre o comunismo e a liberdade é o problema crucial de nossa época. Ele se sobrepõe a quaisquer outros problemas. Este conflito reflete nossa época com seus esforços, suas tensões, seus problemas e suas tarefas. Do resultado dêste conflito depende o futuro da humanidade."

Aprimorando esta afirmação, devo dizer que o problema mais urgente de nossos dias é de ordem espiritual."

Eu concordo com o que um importante educador disse e cito suas palavras: "A menos que o problema espiritual seja resolvido, a civilização fracassará; na verdade já temos presenciado o prenúncio dêsse fracasso em muitas partes do mundo:

"O credo Nazista apresenta uma nova concepção de civilização. Há uma suposição desenvolvida com zelo fanático, de que a civilização consiste primeiramente em realizações

materiais, e pode alcançar o seu propósito sem considerações éticas. Acentua a força, a autoridade e a obediência; nega a igualdade humana e o valor do indivíduo.

OS FALSOS ENSINAMENTOS DO COMUNISMO

Em seus falsos ensinamentos os comunistas aceitam a doutrina de Marx, que nega a existência de Deus e repudia a imortalidade do homem. Em segundo lugar êles negam a divindade de Jesus Cristo e conseqüentemente, sua Ressurreição. Eles desafiam o livre arbitrio do homem.

Naquela primeira sentença que lí de Paulo para Timóteo, Paulo declara a **existência de Deus**, e nós veremos com que autoridade êle mantém isso. Ele declara a **divindade de Jesus Cristo**, e a realidade de sua ressurreição. Léo novamente o que ele disse a Timoteo, e e quase que uma mensagem de despedida a aquê- te mesmo, "Conjuro-te pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que ha de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino;" (II Timóteo 4:1).

Os Estados Unidos recentemente receberam a ideologia que nega Deus, Jesus Cristo e o direito de livre arbitrio e dignidade do homem. Mesmo durante sua permanência aqui, podíamos ouvir o eco de suas próprias palavras: "Nós permanecemos ateístas como sempre o fomos; estamos fazendo todo o possível para libertar os povos que ainda estão sob o encanto desse entorpecimento religioso." Estas são as palavras do referido chere. Ele adiantou-se ainda mais: "Aquê- les que esperam que abandonemos o comunismo terão de esperar até que os camarões aprendam a assoviar."

Há alguns anos atrás, Lord Balfour, Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, fêz um discurso no McEwen Hall, Saguão da Universidade de Edinburgh sôbre: "Os valores morais que unem as nações." De uma maneira interessante e convincente, Lord Balfour apresentou os seguintes laços fundamentais que unem as diferentes nações do mundo:

- 1 — Conhecimento Comum.
- 2 — Interêsse Comercial Comum.
- 3 — Intercâmbio de Relações Diplomáticas.
- 4 — Os laços de amizade Humana.

A audiência aclamou seu magistral discurso com uma enorme onda de aplausos. Quan-

do o presidente da mesa levantou-se para expressar sua apreciação e a da audiência, um estudante japonês, que estava se graduando na Universidade de Endinburgh levantou-se, e curvando-se sobre o balcão, disse, "Mas Snr. Balfour, e o que me diz de Jesus Cristo?"

Robert E. Spear, a quem o Professor Lang relatou êste incidente, escreve: "Poder-se-ia ouvir um alfinete cair no saguão. Todos sentiram imediatamente a justiça da censura. O chefe estadista de um dos maiores impérios cristãos do mundo ao tratar os diferentes laços que devem unir a humanidade, tinha omitido no entanto, o laço fundamental e essencial. E todos os presentes perceberam também, um elemento dramático na situação — quem pusera em evidência êsse esquecimento tinha vindo de uma longínqua terra não cristã.

"Prega a palavra", adverte Paulo a Timóteo. Que "palavra"? Aquela "manifestada agora pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo, o qual aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho, (Ibid., 1:10). Estas palavras foram ditas naquela carta. Vamos reconsiderar isto.

"Eis o homem", disse Pôncio Pilatos, governador da Judéia, quando Jesus, escarneceadoramente coberto com um manto de púrpura, com seus cabelos emoldurados por uma corôa de espinhos, postava-se em pé diante de uma multidão que gritava: "Crucificai-o; Crucificai-o!"

Como por ocasião daquêle julgamento histórico, assim também, através de diferentes épocas, os homens têm olhado para Cristo sob diversos pontos de vista. Alguns que o rejeitam com a mesma veemência do rábula, vêem nêle e em seus discípulos "os investidores de um sistema moral cristão que destruiu e minou o vigor do mundo Europeu." Outros com visão mais clara, produzida pela experiência, encaram-no como o iniciador de um sistema que "promove a industriabilidade, a honestidade, a verdade, a pureza e a bondade; um sistema que mantém a lei, favorece a liberdade e é essencial a ela, podendo unir os homens numa grande irmandade."

Outros olham-no como "um personagem perfeito — a personalidade sem par da história", mas negam sua divindade. Milhões o aceitam como o Grande Mestre, cujos ensinamentos, entretanto, não podem ser aplicados às condições sociais modernas. Poucos — bem poucos — dos aproximadamente 2 bilhões de habitantes do globo aceitam-no pelo que êle

realmente é — "o Unigênito do Pai; que veio ao mundo mesmo sendo Jesus, para ser crucificado pelo mundo, e carregar com os pecados do mundo, santificar a terra e limpá-la de toda iniquidade."

Hoje as nações civilizadas estão sentadas sobre uma montanha de explosivos, acumulados em desafio aos ensinamentos de Cristo. Quando o calor do ódio, a suspeita e a ambição tornarem-se um pouco mais intensos, haverá então uma tal explosão internacional que retardará enormemente, se não eliminar forçosamente, do meio da humanidade, a tão esperada paz que anunciaram as hostes divinas quando o Cristo nasceu em Belém.

É fato comprovado, que Cristo apareceu após sua morte como um ser ressuscitado e glorificado e esta é a resposta para o grande problema das épocas: "Se um homem morrer, viverá êle novamente?" Consideremos a profunda significação do testemunho dos discípulos de Jesus, que poderá ser melhor compreendida quando reconhecermos que com a morte de Jesus os apóstolos foram tomados por uma grande melancolia. Quando êle foi crucificado, tôdas as suas esperanças morreram. E que sua morte foi uma realidade para os discípulos, está representado na grande tristeza que os dominou, na afirmação de Tomás, na perplexidade moral de Pedro, e nas óbvias preparações para um sepultamento permanente de seu Mestre. Apesar da afirmação de Cristo, muitas vezes repetida durante os dois anos e meio que conviveu com êles, de que voltaria ao meio dos apóstolos após sua morte, êles pareciam não ter aceito, ou pelo menos não ter compreendido a afirmação como um fato que seria consumado literalmente.

Perguntamos ao mundo: "O que foi que transformou tão súbitamente êsses discípulos em pregadores confiantes, destemidos e heróicos do Evangelho de Jesus Cristo?" Foi uma revelação de que Cristo tinha se levantado da sepultura, suas promessas tinham sido guardadas, sua missão de Messias havia sido cumprida. "O selo final e absoluto da autenticidade havia sido colocado sobre tôdas as suas reivindicações, e a marca indelével de uma autoridade divina deixada em todos os seus ensinamentos. A melancolia da morte havia sido banida pela gloriosa luz da presença do Senhor e Salvador glorificado e elevado."

É na evidência destas testemunhas sem preconceito, imprevistas e incrédulas que a ressurreição encontra seus fundamentos invecíveis.

Entre essas testemunhas havia um jovem. Não sei se conhecemos a sua vida, mas gosto de pensar nêlo como um tipo de pensador independente que não prestava muita atenção à religião de sua mãe — ela havia ingressado na Igreja Cristã, mas êle parecia não a ter notado sequer, até que uma noite foi perturbado pela voz de sua mãe pedindo-lhe que se levantasse apressadamente, “não pare sequer para vestir-se, jogue uma capa sôbre seu corpo e corra para Getsamane, e diga a Jesus que Judas e os soldados virão para prendê-lo. Eu acho que êsse jovem que escapou desnudo dos homens que agarram os lençóis em que estava envolvido, foi João Marcos, o autor de um dos 4 Evangelhos. Sabemos que êle uniu-se à Igreja, mais tarde, e que trabalhou com Pedro. Sabemos também que Paulo naquela carta a Timóteo disse: “Toma Marcos, e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério, e ouçamos o seu testemunho.” (II Tim. 4:11). Conhecemos que êle seguiu em missão para o norte da África, e vocês viajantes de hoje podem andar sôbre ruínas construídas em memória dêle.

O TESTEMUNHO DE MARCOS

Não temos evidência de que Marcos tenha ingressado na Igreja enquanto o Salvador estava na terra. Sem dúvida o Salvador esteve na casa de Marcos. De qualquer modo, temos justificativas para afirmar que êle foi relacionado com o Mestre. Marcos mesmo não relata nenhuma manifestação do Senhor Ressuscitado, mas testifica que o Senhor voltaria para encontrar seus discípulos. De Marcos nós ouvimos a gloriosa proclamação da primeira sepultura vazia em todo o mundo. Pela primeira vez na história as palavras “Aqui jaz”, foram suplantadas pela mensagem divina, “Ele-vou-se às alturas.”

Ninguém pode duvidar de que Marcos estava intimamente convencido da realidade da sepultura vázia, e se a minha dedução estiver certa, êle soube do julgamento de Jesus, da humilhação a que foi submetido, e da sua crucificação, tornando-se êle então um ministro do Evangelho.

Devotou a sua vida à proclamação desta verdade, e se podemos confiar na tradição sabemos que êle selou seu testemunho com o próprio sangue.

O TESTEMUNHO DE LUCAS

O texto que lemos afirma que Lucas esteve ao lado de Paulo na prisão. E não foi

muito depois disso que Paulo, de acôrdo com os fatos históricos, foi decapitado. Lucas era médico. Passou muitos anos de sua vida estudando Jesus, êsse homem que foi crucificado.

Êle presenciara a escuridão que se apossou daquêle país quando Jesus foi crucificado. De acôrdo com todos os testemunhos dignos de confianças, nós possuímos o Evangelho de Lucas, conforme saiu de suas próprias mãos. No capítulo 24 êle testifica a mensagem divina:

“Porque buscais o vivente entre os mortos?”

“Não está aqui, mas ressuscitou.” (Lucas 24:5-6).

Com igual certeza de exatidão, podemos aceitar esta sua afirmação e testemunhar em relação às afirmações de Pedro, de Paulo e dos outros apóstolos, no que se refere à Ressurreição. “Aos quais também, depois de ter padecido, (Cristo) se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por êles pelo espaço de quarenta dias, e falando do que respeita ao reino de Deus.” (Atos 1:3).

Quem poderá duvidar da absoluta confiança de Lucas na realidade do Redentor Ressuscitado? Comparem seu testemunho, sua vida, com a dos sabichões que negam a existência de Deus e escarnecem das reivindicações de Jesus Cristo como Redentor.

É verdade que nem Marcos nem Lucas testificam terem visto pessoalmente o Senhor Ressuscitado, e por isso alguns afirmam que seus testemunhos registrados não podem ser tomados como evidência de primeira-mão.

E é justamente por êles não terem testificado isto mas por estarem convencidos de que outros o viram, que se vê o quanto era inconstestável a evidência entre os apóstolos e outros discípulos de ser a ressurreição uma realidade.

O TESTEMUNHO DE PAULO

Felizmente, entretanto, há um documento que registra a declaração pessoal de uma testemunha ocular, testemunha de uma aparição de Jesus, após a sua morte e sepultamento. Êste testemunho pessoal também confirma não apenas os dois homens, Marcos e Lucas, mas ainda os outros. Tenho em mente Saulo, judeu de Tarso, educado aos pés de Gamaliel,

(continua na página 263)

Fé, Essa Conquistadora

Por James A. Little



No número anterior, deixamos Jacob Hamblin em sua casa, quando retornava de uma longa e acidentada aventura entre os Navajos. Apesar de tôdas as peripécias enfrentadas, seus pensamentos eram de gratidão ao Senhor, pois êle compreendeu que a situação sômente não ficou desesperada devido à boa Providência e à união entre os irmãos. Entristecia-lhe sobremaneira o ter transportado o Irmão George A. Smith, Jr., agonizante, sendo impedido de permitir-lhe que morresse em paz, para garantir a sobrevivência da companhia. Jacob Hamblin também sentia confranger-se-lhe o coração ao pensamento de que os Navajos haviam escalpelado aquêle irmão cujos restos apenas puderam ser devidamente sepultados alguns meses depois, quando uma outra expedição partiu com êsse objetivo, e trouxe para a família do morto o restante dos ossos que pode encontrar.

CAPÍTULO — XII

Passaram-se quase dois anos antes que fizéssemos outra visita às cidades Moquis. Vários irmãos pareciam pensar que nada se conseguiria realizar naquela área. No outono de 1861 muitos Santos foram chamados do norte

para estabelecer povoações no Utah Meridional. Foi fundada a cidade de São Jorge, e o povoamento estendeu-se de forma a ocupar as férteis áreas que marginavam os leitos dos rios Virgem e Santa Clara.

No decorrer do inverno de 1861-2, adveio uma incomum queda de neve. Lá pelo meio do mês de fevereiro choveu ininterruptamente por dias, e o Córrego Santa Clara subiu tanto que a água transbordou, transformando-se o riacho numa corrente turbulenta e caudalosa.

Nossas pequenas fazendas e os choupos, que cresciam no vale estavam desaparecendo. A madeira arrastada pela inundação acumulava-se às vêzes numa pilha, atirando a corrente de água a uma área aparentemente segura contra suas incursões.

Nosso forte de pedra, ocupando a superfície de cem pés quadrados, com paredes de doze pés de altura por dois de espessura, erguia-se a norte, ha uma distância considerável do leito original do córrego. Suas paredes abrigavam diversas famílias, e nós o considerávamos à salvo da inundação.

Uma noite, quando a maioria das pessoas velava, alguém descobriu que a água estava

solapando a ribanceira do lado sul, e que já começara a formar corredeiras ao redor do forte, entre seus muros e as bordas do leito do rio.

Tôdas as pessoas foram removidas o mais rapidamente possível, e construímos um abrigo temporário de tábuas, peles, etc.

Quando eu tentava salvar algumas utilidades, perto do barranco solapado, o chão em que pisava cedeu repentinamente, e deslizando até uns vinte pés abaixo, arrastou-me com êle.

Eu ainda estava sendo sustentado pelo banco de terra, mas compreendi que êle ia-se dissolvendo rapidamente debaixo de mim, e que eu estava na iminência de ser precipitado, a qualquer momento, na torrente furiosa.

Atravessou-me a mente o pensamento de que não havia nem mais uma possibilidade em mil, de salvação para mim.

Ouví alguém gritar acima de minha cabeça que eu havia desaparecido; nem adiantava procurar salvar-me. Eu gritei o mais alto que pude, "É possível tentar salvar-me sim! Traçam uma corda e atirem-na, içando-me daqui antes que ruia o barranco e eu esteja mesmo perdido!"

Dentro de alguns momentos percebi uma corda tocar-me a cabeça e os ombros. Não me demorei em agarrá-la, e logo era alçado exatamente a tempo de sentir o último pedaço de terra fugindo de sob meus pés.

Novamente minha vida fôra preservada pela misericordiosa providência que já tantas vêzes me havia salvado do perigo iminente.

O que me parece mais impressionante nas ocorrências daquela tenebrosa noite, é que alguns minutos após haver sido, eu próprio, arrancado à morte, deveria tornar-me instrumento para salvação de outra vida.

Uma corredeira que se avolumava rapidamente, fluía agora entre o forte e a borda do rio.

De uma forma ou de outra, fôra esquecida num dos quartos do forte, uma mulher doente, e o marido dela parecia desvairado, achando que sua espôsa estava perdida, pois não via como ela ainda pudesse ser posta ao abrigo. A mulher tinha uma criança que, recolhida à terra firme, já se encontrava a salvo, enquanto sua mãe corria perigo.

Eu tomei da corda que servira de instrumento para minha preservação, atei-a fortemente a uma árvore, e agarrando-me a ela alcancei em segurança o forte, onde preendi a outra extremidade. Penetrei no quarto, icei a mulher a minhas costas e passando seus braços pelos meus ombros, cruzei-os na frente. Informei-lhe, quando me dirigia para a corredeira, de que ela devia segurar-se sôzinha às minhas costas, pois eu seria obrigado a agarrar a corda com ambas as mãos ao tentar a travessia.

Quando atingimos o ponto mais arriscado, seus braços apertavam-me tanto, que estavam a ponto de me estrangular. O momento era crítico, pois se eu soltasse da corda nós estaríamos completamente perdidos, uma vez que a água se encapelava ao redor de mim. Fazendo o melhor emprêgo possível do tempo e fôrça, alcancei a margem em segurança, juntamente com minha carga, para grande alegria do marido e da criança.

A torrente arrastara meu moinho e outras benfeitorias no valor de vários milhares de dólares. A maioria das casas e do solo cultivado daquela povoação, desapareceram também.

O outono de 1862 foi considerado ocasião propícia para uma nova visita aos Moquis. O Presidente Young recomendou que atravessássemos o Colorado a sul de São Jorge, e explorássemos a terra naquela direção, com vistas a descobrir uma rota mais praticável do que a viada anteriormente.

Uma companhia de vinte homens foi, para tal propósito, designada pelos Apóstolos Orson Pratt e Erastus Snow.

Acompanhou-nos ao rio uma junta de bois, bem como um pequeno barco no qual atravessamos a nossa bagagem. Depois, as montarias nos transportaram, a nado, até o outro lado do rio.

Após a travessia, e esperando retornar pelo mesmo caminho, escondemos nosso barco e algumas provisões na margem atingida.

Naquêlo primeiro dia viajamos umas trinta milhas para sul, sôbre os contrafortes das montanhas, e depois percorremos, por três outros dias, uma zona acidentada, coberta de densa vegetação, com bosques esparços de cedro bravo e pinho. Há quatro noites do rio acampamos na foz de uma pequena e gotejante nascente, de onde o monte São Francisco podia ser avistado, um pouco a sudeste.

Na manhã seguinte o guia indígena recusou-se a prosseguir conosco, apresentando a razão de que estávamos penetrando uma área desprovida de água. Arrazoamos juntos, e chegamos à conclusão de poder alcançar o sopé do monte São Francisco sem perecer.

A primeira noite longe da nascente gotejante nos trouxe uma queda de neve, e esta, derretendo-se, escorreu para as fendas do rochedo, constituindo-se numa abundante provisão de água. Era como que uma providência especial em nosso favor.

À noite, acampamos em local completamente sem água. Entretanto, na terceira noite, atingimos o sopé do monte São Francisco, onde voltamos a encontrar neve.

Dois dias após havermos deixado para trás essa montanha, alcançamos o Pequeno Rio Colorado, prosseguindo, de então por diante, um pouco a nordeste, até as cidades Moquis.

Dois dias durou nossa permanência entre êles, e então deixamos os irmãos Jehiel McConnell, Thales Haskell e Ira Hatch para trabalhar com o povo durante uma estação.

Os Moquis tinham celebrado algumas cerimônias religiosas, com o fito de convencer o Grande Espírito a enviar chuvas para molhar seus campos, pois assim levantariam grande abundância de provisões na estação da colheita. Êles nos asseguraram que suas ofertas e orações haviam sido ouvidas, pois uma tempestade estava para desabar dentro em pouco. Aconselhavam-nos, portanto, a retardar nossa partida até que ela tivesse amainado.

Nós tínhamos procurado convencê-los a enviar conosco alguns chefes Moquis, para conhecerem nosso povo e conversar com nossos dirigentes. Êles objetaram, citando a tradição já mencionada, que os proibia de atravessar o grande rio.

Partimos pois, para a viagem de regresso. A tormenta desabou logo na primeira noite, molhando o campo de forma excelente, e nós encontramos agasalho embaixo de uma rocha.

Foi assim resguardados, que nos vieram encontrar os três Moquis, enviados, segundo disseram, pelos chefes os quais, após deliberarem algum tempo, haviam decidido fazê-los seguir conosco.

Esta tempestade, resposta evidente às orações daquêles povo simples, e outras circunstâncias similares que tive oportunidade de observar entre os índios, certificavam para mim que o Senhor tinha em consideração os desejos daquêles bárbaros, e respondia a suas preces com as bençãos que necessitavam.

A neve caída chegou a cobrir todo o campim, e nossos animais precisaram subsistir alimentando-se de brotos das árvores. A volta foi laboriosa, e ao atingir o rio, pela velha rota, tínhamos oito animais a menos do que quando saímos de casa. Essa pêrda, e a precária condição das montarias que ainda nos restavam, tornaram lento e tedioso o nosso retôrno.

Quando alcançamos o Colorado, em território Ute, a corrente estava profunda e coalhada de gêlos flutuantes. Por isso, a travessia foi arriscada e difícil.

Tal fato, acrescentado à tradição Moquis contra a transposição do rio, afetou visivelmente os nossos amigos. Prevendo que êles poderiam desanimar por completo, e não prosseguir, enviei suas provisões e peles com o primeiro grupo que arriscou a travessia.

Quando os convidamos a prosseguir, êles declararam-se inclinados a retornar, mas ao serem informados de que suas coisas já haviam seguido, preferiram continuar conosco. Após concluída e com o melhor sucesso a travessia, êles deram graças ao Pai de todos por sua preservação.

Na margem norte, tomou-nos todo um dia o construir uma espécie de ponte sôbre uma laguna lamacenta, para alcançarmos as planícies superiores. Ao primeiro dia do ano de 1863, conseguimos conquistar a passagem.

Os Irmãos L. M. Fuller e James Andrus, cujos animais ainda se conservavam em boas condições, foram instruídos a apressarem-se o máximo possível, e enviarem-nos provisões, pois as nossas escasseavam.

O resto da companhia seguiu bem lentamente, para poupar os animais enfraquecidos.

Dispendemos um dia em Pahreah, onde matamos e cozinhamos alguns corvos para reforçar nossas rações.

A seis dias do rio, acampamos no riacho Kanab. Naquela noite, o Irmão Lucius M. Fuller atingiu nosso acampamento, trazendo um belo carneiro já limpo, e um pouco de pão e trigo, fornecidos pelo Irmão Wm. B. Maxwell, de seu rancho em Short Creek, quarenta milhas adiante do nosso acampamento.

Quando os Moquis viram êsse alimento, agradeceram fervorosamente ao Grande Pai por ter tido piedade de nós, enviando-nos aquela comida. Oração e ação de graças eram hábitos diários de nossa companhia, — mas ver êses índios considerados bárbaros, tão humildes e

(continua na página 265)

AS AUTORIDADES GERAIS DA IGREJA DE JESUS CRISTO

A lista apresentada a seguir relaciona os apóstolos de acôrdo com o registro do Novo Testamento.

- | | | |
|--|---|-------------------|
| 1. Simão Barjonas ou Pedro | } | Filhos de Zebedeu |
| 2. André (irmão de Pedro) | | |
| 3. Tiago (Tiago Maior) | | |
| 4. João | | |
| 5. Filipe | | |
| 6. Bartolomeu ou Natanael | | |
| 7. Mateus ou Levi | | |
| 8. Tomé apelidado "Dídimo" | | |
| 9. Tiago (Tiago Menor) | | |
| 10. Simão Zelotes ou Simão o Canaanita | | |
| 11. Judas ou Judá | | |
| 12. Judas Iscariotes | | |

OS
DOZE APÓSTOLOS
ORIGINAIS, ES-
COLHIDOS POR CRIS-
TO DURANTE SEU
MINISTÉRIO

A Bíblia pouco nos relata quanto à sucessão desses apóstolos. Entretanto, foi estabelecida uma regra definida pela qual seriam conservados doze no Quorum dos Apóstolos. Relacionamos abaixo os nomes de alguns homens que, acredita-se, tenham ordenados apóstolos.

1. Matias que sucedeu Judas Iscariotes (definidamente um dos doze).
2. Saulo ou Paulo que possivelmente ocupou o cargo de Tiago Maior.
3. Tiago, o irmão do Senhor, Jesus Cristo.
4. Barnabé.

Vários outros foram mencionados no Novo Testamento como possuídores de autoridade, apesar de provàvelmente não terem sido apóstolos.

AUTORIDADES GERAIS QUE TÊM LIDERADO A IGREJA DE JESUS CRISTO NESTA DISPENSAÇÃO

Presidente da Igreja

- | | |
|---------------------|------------------------|
| 1. Joseph Smith Jr. | 5. Lorenzo Snow |
| 2. Brigham Young | 6. Joseph F. Smith |
| 3. John Taylor | 7. Heber J. Grant |
| 4. Wilford Woodruff | 8. George Albert Smith |
| | 9. David O. McKay |

PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



PRESIDENTE
J. Reuben Clark Jr.



PRESIDENTE
David O. McKay



PRESIDENTE
Henry D. Moyle

QUORUM DOS DOZE



Joseph Fielding Smith



Harold B. Lee



Spencer W. Kimball



Ezra Taft Benson



Mark E. Petersen



Delbert L. Stapley



Marion G. Romney



LeGrand Richards



Richard L. Evans



George P. Morris



Hugh B. Brown



Howard W. Hunter

AS
AUTORIDADES
GERAIS DA
IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS
DIAS

PATRIARCA DA IGREJA



Eldred G. Smith



ASSISTENTES DOS DOZE



Alma Sonne



ElRay L. Christiansen



John Longden



Sterling W. Sill



Gordon B. Hinckley



Henry D. Taylor



Wm. J. Critchlow Jr.



Alvin R. Dyer

PRIMEIRO CONSELHO DOS SETENTAS



Levi Edgar Young



Antoine R. Ivins



S. Dilworth Young



Milton R. Hunter



Bruce R. McConkie



Marlon D. Hanks



A. Theodore Tuttle

BISPADO PRESIDENTE



Thorpe E. Isaacson



Joseph L. Wirthlin



Carl W. Bushner

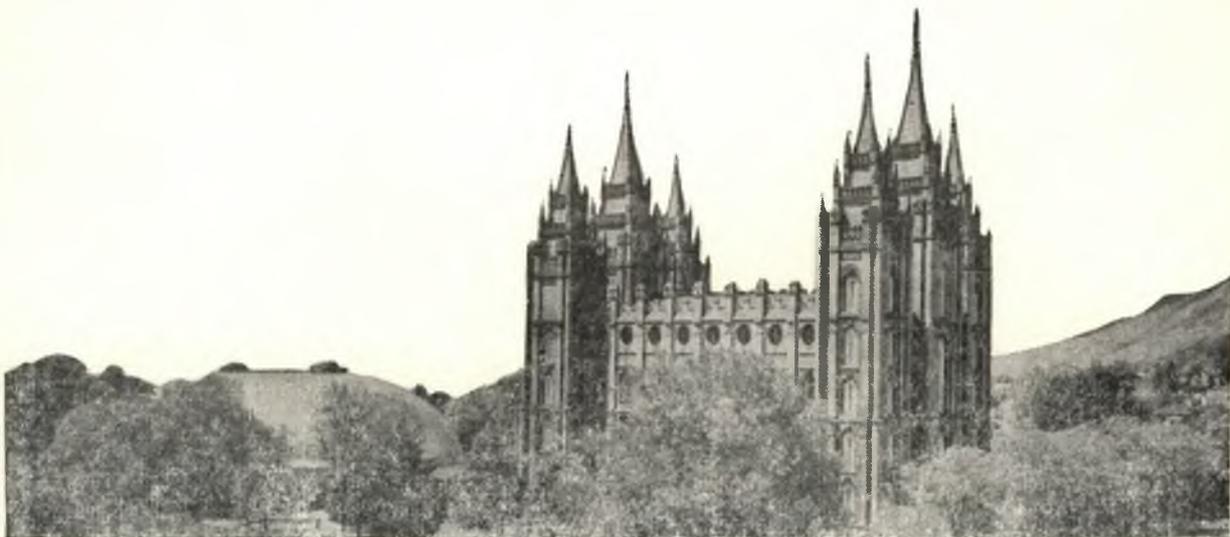
Primeiro Quorum dos Doze Nesta Dispensação, organizado em Fevereiro de 1835.

1. Thomas B. Marsh
2. David W. Patten
3. Brigham Young
4. Heber C. Kimball
5. Orson Hyde
6. William E. M'Lellin
7. Parley P. Pratt
8. Luke S. Johnson
9. William Smith
10. Orson Pratt
11. John F. Boynton
12. Lyman E. Johnson

Sucessores d'esses homens:

John E. Page
John Taylor
Wilford Woodruff
George A. Smith
Willard Richards
Lyman Wight
Amassa M. Lyman
Ezra T. Benson
Charles C. Rich
Lorenzo Snow
Erastus Snow
Franklin D. Richards
George Q. Cannon
Joseph F. Smith
Brigham Young Jr.
Albert Carrington
Moses Thatcher
Francis M. Lyman
John Henry Smith
George Teasdale
Heber J. Grant
John W. Taylor

Marriner W. Merrill
Anthon H. Lund
Abraham H. Cannon
Mathias F. Cowley
Abraham O. Woodruff
Rudger Clawson
Reed Smoot
Hyrum Mack Smith
George Albert Smith
Charles W. Penrose
George F. Richards
Orson F. Whitney
David O. McKay
Anthony W. Ivins
Joseph Fielding Smith
James E. Talmage
Stephen L. Richards
Richard R. Lyman
Melvin J. Ballard
John A. Widtsoe
Joseph F. Merrill
Charles A. Callis
Joshua Reuben Clark Jr.
Alonzo A. Hinckley
Albert Ernest Bowen
Sylvester Q. Cannon
Harold Bingham Lee
Spencer Woolley Kimball
Ezra Taft Benson
Mark Edward Petersen
Matthew Cowley
Henry D. Moyle
Delbert Leon Stapley
Marion George Romney
Legrand Richards
Adam S. Bennion
Richard L. Evans
George Q. Morris
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter



A OBRA DO SENHOR

Elder Henry D. Taylor, Assistente do
Conselho dos Doze

Meus queridos irmãos e irmãs: depois de ficar assentado durante três dias, aguardando ser chamado a falar, me foi bem difícil dar conta das grandes bênçãos que vêm àquele que persevera até o fim. Minha alma ficou encantada e profundamente tocada com a inspiração desta conferência, e mais do que nunca em minha vida, me regozijo em pertencer à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Desejo que minha mensagem de hoje, seja uma expressão de gratidão e apreciação pelo privilégio que a Irmã Taylor e eu tivemos, durante os últimos três anos, de trabalharmos com nossos filhos e filhas no campo da Missão. Foi um período grandioso de nossas vidas, uma experiência rica e compensadora. Nós amamos esta gente nova.

Muitas vezes, ouvimos esta pergunta: "porque é que a Igreja Mórmon se empenha num programa tão ativo de fazer prosélitos?" Nossa resposta é, "Nós temos a verdade, e não somente a responsabilidade, mas o ardente desejo de partilhar esta verdade com todos os que vivem aqui na terra. Fomos avisados, e temos a responsabilidade de avisar também o nosso vizinho." Assim mesmo, em cumprimento a visões proféticas, o evangelho deve ser levado a todas as nações, famílias, línguas e povos. Jovens e moças compõem, em primeiro plano, o exército de mais de cinco mil

missionários de tempo integral, empenhados em levar a mensagem do evangelho aos povos da terra, nas 46 missões da Igreja. É uma experiência inspiradora, o observar o crescimento desses missionários. Eles vêm de todas as atividades da vida; de plantações, fazendas, da criação de gado ou ovelhas, de negócios e profissões, estudantes escolares, e muitos jovens que recentemente se desligaram do serviço militar de nosso país. E assim mesmo, não importa onde se encontrem, eles respondem alegremente, quando ouvem o chamado do presidente da Igreja. Eles são felizes por fazer parte da obra do Senhor. E seus pais partilham dessa felicidade, sustentando-os financeiramente e com seu estímulo.

Esses jovens e moças saem ao mundo com pouco treinamento formal. Eles são inexperientes, muitas vezes imaturos, tímidos, com falta de coragem e confiança, e apesar disso, achamos que sua educação no lar, sua atividade nos quóruns do sacerdócio, nas auxiliares e seminários é uma bênção de maravilhosa vantagem no seu preparo para a obra missionária. Com estudo, oração e trabalho árduo, e as bênçãos do Senhor, esses jovens crescem e se desenvolvem. Eles adquirem conhecimento do Evangelho; confiança poder e maturidade muito superiores a seus anos. Adquirem um forte e ardente testemunho, que prestam

com tamanho fervor, a ponto de levar a convicção aos corações daquêles que ensinam. É certo que os métodos de ensino do evangelho têm mudado muito desde quando vários de nós estivemos no campo missionário. Usamos correntemente o que é conhecido como o plano sistemático ou uniforme de ensino do evangelho, onde nossas crenças são apresentadas de maneira sistemática e ordenada. Isto tem trazido eficiência no ensinamento do Evangelho, e um aumento apreciável no batismo de conversos, como resultado dêsses métodos aperfeiçoados. Irmãos e irmãs: o Senhor está abençoando a obra missionária. É uma experiência excitante, numa reunião de missionários, escutá-los a contar como foram guiados pelo Espírito do Senhor até certas portas. Êles bateram à porta, se apresentaram e foram calorosamente recebidos com o convite de entrar para serem escutados:

“Entrem, estávamos esperando por vocês. Porque demoraram tanto em aparecer?”

Conheço uma excelente senhora, cujo marido faleceu faz algum tempo. Ela tinha ouvido alguma coisa com respeito à nossa crença na ressurreição, nossa fé numa vida após esta, e desejava saber mais com relação a êsses conceitos.

Um dia, depois de muita oração, ela começou a esquadrinhar uma lista telefônica, a procura do enderêço de uma das capelas dos Santos dos Últimos Dias. Nêsse momento bateram à porta e atendendo-a, ela se viu de frente a dois jovens missionários. Êles tinham sido levados pelo Espírito do Senhor, a visitar êsse lar. Ao se apresentarem, foram convidados a entrar, e começarem a ensinar o Evangelho a essa boa mulher, e ela é agora um membro fiel e devoto da Igreja.

O tempo da missão na vida de uma pessoa nova, é um tempo de dedicação e consagração. Gente nova têm vontade de renunciar aos prazeres mundanos e de se concentrar nas coisas espirituais. E agora, a vocês pais, creio representar todos os presidentes das missões quando digo: obrigado por todo o estímulo que dão a êles, e por tôda a assistência que lhes fornecem e pelo amor e compreensão. Seus corações se acalentariam, se pudessem estar numa reunião de testemunhos e ouvir os jovens a levantarem-se com lágrimas nos olhos, declarando: “Eu amo meu pai e minha mãe. Sou grato pelo sacrifício que êle fazem para que eu possa estar aqui no campo da missão. Eu negligenciei o expressar êsse amor antes de sair de casa, mas quando eu voltar, isto será bem diferente. Sempre serei grato a êles.”

O serviço missionário é maravilhoso e altruístico, e asseguro fortemente, que todo jovem desta Igreja, deve considerar um alvo ou goal, o preenchimento de uma missão; que levem uma vida pura e limpa, para que quando alcancem a idade própria seu bispo ou presidente do ramo os possa chamar e recomendar para o serviço missionário.

Foi indicado que cada membro da Igreja pode e deve ser um missionário. Podemos fazer isso, meus irmãos e irmãs, dando bons exemplos, sendo bons vizinhos, cumprindo todos os mandamentos. Tenho avisado nas várias sessões das conferências dos nossos jovens, das forças armadas. Agora vós, jovens irmãos e irmãs no serviço militar, podeis ser missionários efetivos, se lembrardes que as ações falam mais alto do que as palavras, quando confrontadas com muitas tentações, e se viverdes os mandamentos, podereis ser um exemplo reluzente para seus associados. Causou-me forte impressão o grande número de rapazes que temos hoje em dia, no campo missionário, e que foram convertidos à Igreja, enquanto estiveram no serviço militar, e isto pelo esforço de seus bons companheiros, fiéis jovens Santos dos Últimos Dias.

Podeis ser bons missionários irmãos, se mantiverdes os padrões da Igreja.

E então, qual é a mensagem que os missionários estão ensinando? É resumidamente esta: — Que existe um Ser Supremo. Êle é o Pai de nossos espíritos. Êle é nosso Pai do Céu. Que nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, é o redentor dêste mundo e através de sua expiação, é assegurada à humanidade a salvação, e a possibilidade de exaltação; que o Evangelho e o Sacerdócio, que devido às ações dos homens, tinham sido retirados da terra, foram restaurados e que Joseph Smith foi o profeta escolhido, pelo qual esta restauração se efetuou; que o livro de Mórmon é verdadeiro, e que êle foi traduzido de antigas palcas de ouro, pelo poder do alto, e por Joseph Smith, como presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; que o presidente David O. MacKay, o grande líder do Sacerdócio é um profeta, vidente e revelador, e que mantém tôdas as chaves e poderes que foram confiados a seus predecessores.

Eu aceito e subscrevo êsses ensinamentos dos missionários.

Eu lhes dou meu testemunho, irmãos e irmãs, de que eu sei que êles são verdadeiros, e o faço humildemente em nome de Jesus Cristo, amém.

SACERDÓCIO NAS MISSÕES

Pastor, Como Está o Seu Rebanho?

Falando aos pastores de Israel, — aqueles que são chamados e designados para alimentar e proteger as ovelhas e cordeiros do Seu rebanho, — o Senhor disse"... requererei Meu rebanho de suas mãos..."

Isto é, o Senhor terá presidentes de quoruns (entre outros) responsáveis pela salvação dos membros de seus quoruns.

"Ai dos pastores de Israel", que não alimentam e cuidam das ovelhas de seus rebanhos, é o decreto divino.

O que foi que aqueles a quem isto se refere falharam em fazer? O Senhor responde: "A fraca não fortaleceste, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes;..." (Leia Ezequiel 34)

Em outras palavras: Há membros de nossos quoruns do sacerdócio que estão inativos, que não guardam a Palavra de Sabedoria, que não estão freqüentando regularmente a reunião Sacramental, que não guardam o dia Santificado, que não pagam um dízimo honesto, que não contribuem com seu tempo, meios, e talentos para a edificação do reino, que não estão guardando os padrões do evangelho, que não estão pondo as coisas de Deus em primeiro lugar em suas vidas e que estão deixando as coisas deste mundo tomar uma posição de maior importância.

Há possuídores do sacerdócio que se afastaram dos padrões de seus pais, e a menos que eles sejam encontrados e trazidos de volta à atividade e retidão, suas almas serão perdidas.

A salvação não vem somente por se pertencer à Igreja. Ela não vem automaticamente àqueles que possuem o sacerdócio. Nós precisamos trabalhar pela nossa salvação depois do batismo. Nós precisamos magnificar nos-



so chamados no sacerdócio. A salvação é reservada àqueles que permanecem em retidão até o fim.

E se há membros de nossos quoruns que não guardam todos os padrões de retidão pessoal que o evangelho requer, é nossa designação específica como líderes do sacerdócio usar todo o poder e influência que pudermos para conseguir que eles voltem ao Senhor e O sirvam com um completo propósito de coração.

A todo homem designado para ser vigia nas torres de Israel, o que inclui aqueles que estão servindo em posições de liderança, o Senhor dá esta instrução: "Filho do homem, fala aos filhos do teu povo, e dize-lhes: Quando Eu fizer vir a espada sobre a terra, e o povo da terra tomar um homem dos seus irmãos, e o constituir por seu atalaia;

"E, vendo ele que a espada vêm sobre a terra, tocar a trombeta, não se der por avisado, e vier a espada, e o tomar, o seu sangue será sobre a sua cabeça.

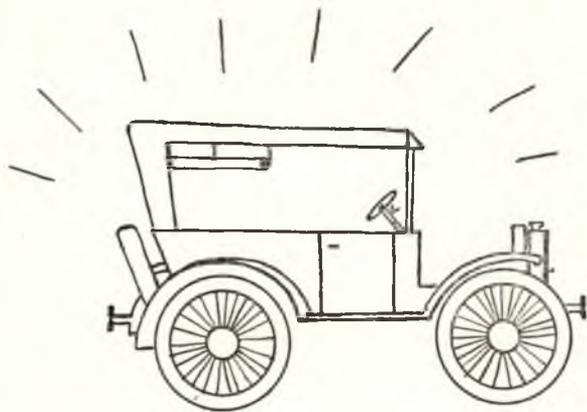
"Ele ouviu o som da trombeta, e não se deu por avisado, o seu sangue será sobre ele; mas o que se dá por avisado salvará a sua vida.

"Mas se, quando o atalaia vir que vêm a espada, não tocar a trombeta, e não fôr avisado o povo; se a espada vier, e levar uma vida dentre eles, este tal foi levado na sua iniquidade, mas o seu sangue demandarei da mão do atalaia." (Leia Ezequiel 33)

Como líderes no sacerdócio nós somos responsáveis pelo bem estar temporal e espiritual de nossos irmãos. O objetivo verdadeiro de um quorum do Sacerdócio de Melquizedec é "auxiliar a cada membro" do quorum a "obter um estado de bem-estar espiritual e um grau de independência econômica e bem-estar material que lhe assegurará comida adequada, roupa, combustível, casa, e outros confort-

(Continua na Página 263)

Algo Está Faltando



Elder Marion D. Hanks
Do Primeiro Conselho dos Setenta

Rejubilome com vocês pela exposição correta e notável do Presidente David O. McKay sobre o nosso interesse e nossa posição num grande programa nacional. Minhas mais humildes e fervorosas orações são para que, nós que temos influência sobre os jovens, possamos sair desta Conferência, através do mundo, dando realce adequado à grande responsabilidade de desenvolver a aptidão de nossos jovens. Penso que, se assim procedermos, poderemos obter três grandes resultados: primeiro, existirá mais boa vontade sobre a nação ou nações às quais pertencemos; segundo, a obra missionária da Igreja receberá grande impulso através do maravilhoso exemplo da influência do programa da Igreja na vida de sua juventude; e, terceiro, a própria Igreja e seu povo, muito se aproveitarão, em virtude da renovada dedicação de seguir os mandamentos do Senhor e a liderança dos irmãos, para promover as oportunidades de desenvolvimento da personalidade de nossos jovens, sob todos os aspectos.

No começo desta semana, nossa filha de 7 anos de idade, dirigindo a oração familiar, agradeceu a Deus pelos nossos olhos, nossos ouvidos, nossas bocas, e pediu ao Senhor que abençoasse-nos para que pudéssemos dizer boas coisas através de nossas bocas. E como ela soubesse que seu pai tinha que falar naquela manhã a certas pessoas que não pertenciam à Igreja, orou para que êle pudesse explicar o evangelho do modo mais compreensível para elas. Imito-a em seu grande reconhecimento dos dons de Deus e também em seus ardorosos pedidos.

Certo tempo atrás, tive o privilégio de ir a uma Universidade para participar do que êles chamavam de "Religião na vida semanal".

O tema sobre o qual eu devia discorrer no começo da semana, era, "Algo está faltando". Andei pelo recinto da universidade e visitei alguns dos prédios no período que antecedia a hora indicada. Em um dêles, onde havia reclames colocados pelos estudantes, vi escrita, linha por linha, as palavras seguintes, na mesma disposição:

VENDE-SE
FORD 1929
PARA-LAMAS E CARROCERIA EM
PERFEITO ESTADO
PINTURA NOVA
SEM MOTOR
20 DÓLARES
VER.....

Tive então a idéia que me permitiu discorrer sobre o tema, "Algo está faltando." O carro tinha boa aparência, penso eu. Talvez parecesse adequado a julgar pelo aspecto externo, mas na realidade não era. Faltava-lhe alguma coisa e essa coisa era o elemento principal — a força propulsora.

Quando o Presidente McKay falou aos missionários da Igreja, sexta-feira, à noite, agradei a Deus, em meu coração, pois que durante uma grande parte de minha vida, tenho sido abençoado por servir na interessante fronteira em que a Igreja se defronta com o mundo — na causa missionária.

Rejubilei-me a noite passada quando êle falou do maravilhoso povo, inteligente e íntegro do mundo, porque embora eu procure posição em certas coisas dêste mundo, não desejaria me descuidar do aprêgo pelas maravilhosas pessoas que existem e que não fazem parte de nosso meio, não sendo como nós, ma- que são boas, decentes e honestas e vivem para

a luz que receberam. Confesso no entanto que pelo muito que aprendi a ama-las e tê-las em bom conceito, reconheço que falta nelas alguma coisa, e de vez em quando tenho tido a bênção, juntamente com muitos de vocês, de tentar prestar-lhes testemunho do que seja aquela coisa.

Porque êles a esquecem? Porque não a desfrutam? Talvez porque não lhes fôsse ensinado. Talvez porque possuam uma circunstância aparentemente satisfatória na vida. Talvez porque, embora êles saibam que se esquecem de alguma coisa, as necessidades prementes, os problemas e influências de suas vidas conservam-nos à parte, impedindo-os de ser fiéis na obediência.

Li, com alguns de vocês, há algum tempo atrás, um pequeno artigo sem destaque, de um jornal do Este, mas que representava algo interessante. Tratava-se da descrição de um incêndio numa fábrica de tecidos em um dos distritos de Nova York. Dizia que nêsse incêndio morreram mais de uma dúzia de pessoas — quinze, para ser preciso. Na última parte do artigo estava a sentença que foi para mim importante e sugestiva. Relatava que essas pessoas pereceram tendo fácil acesso a uma porta de emergência, mas que não a usaram, antes precipitaram-se e morreram no meio do compartimento por causa do “mêdo e da fumaça”. Tenho imaginado que se uma daquelas quinze pessoas tivesse tido ciência daquela porta e soubesse da sua importância, por certo que poderia ter conduzido as outras através dela, para a vida.

Tenho pensado muito mais, talvez como vocês, quando em meditação, no que deveria ter acontecido anteriormente, naquela fábrica de tecidos. Aparentemente ficavam sentados, tendo fácil acesso àquela porta, alguns dêles pelo menos, durante anos, sem nunca se terem apercebido dela. Aparentemente ela nada significava para êles, e na hora extrema não foram capazes de encontrá-la.

Existem muitas pessoas maravilhosas no mundo, pelas quais tenho respeito pessoal, amor, e cuja inteligência e integridade considero, pelo menos iguais à nossa própria, em termos daquilo que fazem pelo que acreditam. Entretanto, testifico de todo o meu coração que há alguma coisa aqui dentro para o mais inteligente dêles, e isto requer um percepção de que o que têm não é tudo. e de que há algo mais nêste mundo além da competência social ou outra ocupação terrena que satisfaça as ambições dos homens.

“Fumaça e mêdo”, estão em tôdas as partes ao nosso redor. Li também esta manhã, logo cedo, o oitavo capítulo de Primeiro Nefi e na explicação subsequente do capítulo, a visão de Lehi. Vocês estão lembrados dos símbolos principais? A árvore representando a árvore da vida ou o amor de Deus; o caminho que levava a ela; a vara com a qual podia-se alcançar-la; o abismo; o grande e espaçoso edifício do outro lado; as nuvens de trevas, de vapor, levando-se do rio da corrupção para dominar aquêles que tentassem atingir a árvore. Vocês se lembram destas palavras? Uma grande e densa nuvem de trevas elevou-se e obscureceu o caminho, enquanto através dêle o grande e espaçoso edifício estava repleto de pessoas, velhas e jovens, machos e fêmeas, cujas vestes eram muito ricas, e que estavam em atitude de mofa, apontando seus dedos para aquêles que haviam chegado e comiam do fruto. E alguns que haviam experimentado do fruto, ficaram envergonhados por causa dos que mofavam, e tomaram por caminhos proibidos e se perderam.

Notem estas palavras no décimo-segundo capítulo de Primeiro Nefi: “. . . as nuvens escuras são as tentações de Satanás, que cegam os olhos dos homens, e os conduzem a caminhos largos, para que se percam e morram.

“E o enorme edifício que teu pai viu (disse o anjo a Nefi), são as idéias vãs e o orgulho dos filhos dos homens.” (I Nefi, 12:17-18).

Meu testemunho e as certezas do meu entendimento são que embora existam excelentes pessoas ao nosso redor, com as quais tenho o privilégio de contactos ocasionais, algumas das quais tenho a bênção de tentar ensinar, e a muitas das quais tenho o privilégio de dar testemunho, e conquanto eu tenha grande respeito pelo que são e o que representam, entretanto, alguma coisa está faltando nelas, se não encontram em si o ansêio de imaginar que existe, e a um fácil acesso, uma porta que conduz à vida, e que o Salvador ali está e bate, mas êles devem abri-la e passar.

Sou profundamente abençoado pelas grandes declarações dos irmãos, nesta Conferência, reafirmando que há alguma coisa no evangelho e na Igreja de Jesus Cristo que abençoará a vida dos mais refinados dos homens, que ainda não o possuem, e que portanto têm algo em falta.

Para concluir, menciono que uma preleção como a que fez o Presidente Richards, esta manhã, é muitas vezes recebida por algumas pessoas das quais tenho falado, com crí-

ticas quanto à arrogância e presunção, com certa objeção por falta de boa vontade, e às vezes, como dizem, falta de eristandade, em tal declaração.

Digo humildemente, que embora os profetas fôssem homens bons e condescendentes, que amaram a irmandade e a boa vontade, entretanto, em todos os exemplos, êles testificaram que há um só caminho; e que os homens devem seguir êsse caminho e obedecer os mandamentos de Deus. Podíamos recorrer desde o comêço até o fim dos registros sagrados, mas escolho um só como exemplo: é a Seção 52 de Doutrina e Convênios, onde o Profeta, sob a inspiração de Deus, encorajando e sugerindo compaixão, amor e fraternidade, ora-

ção e humildade e tôdas as outras virtudes, também tinha algo a dizer:

“Portanto, aquêles que ora, cujo espírito é contrito, é aceito por Mim, se obedecer às Minhas ordenanças.

“Aquêles que fala, cujo espírito é contrito, cuja linguagem é humilde e edifica, êste é de Deus, se obedecer às Minhas ordenanças.” (D & C 52: 15-16).

Agradeço a Deus pela bênção do evangelho, por certa compreensão dêle, e o testemunho de que êle é o próprio plano de Deus, e que aquêles que falam a Deus são seus servos nestes dias, como antigamente, e cujo testemunho eu dou em nome de Jesus Cristo, amém.

Suplemento da Lição para os Mestres Visitantes do Ramo

LIÇÃO N.º 9

Preparado como um suplemento à mensagem dos mestres-visitantes, para Setembro de 1960.

O Senhor têm sido muito generoso para com seus filhos aqui sôbre a terra. Um dos maiores de Seus dons é a oportunidade de arrependimento. Sem isto nós não poderíamos esperar voltar à Sua presença.

O gênero humano tornou-se conhecedor, há séculos atrás, de que as coisas não acontecem sem uma razão, mas que os acontecimentos e condições são controlados por relações de causa e efeito. O mesmo princípio é verdadeiro na nossa vida religiosa: boas obras trazem bênçãos, inatividade invariavelmente leva à retrogressão e “o salário do pecado é a morte...”

Todos nós fazemos êrros; alguns são acidentais, outros não tão inocentes. Nós precisamos aprender, e freqüentemente a experiência é um professor caro. Assim, se fôssemos deixados a sós com nossos próprios desejos, a punição seguiria a transgressão como a noite segue o dia e nós estaríamos sem chance de obter vida eterna.

Aqui o evangelho, e especialmente o princípio do arrependimento, entra em cena. Quando verdadeiramente nos arrependemos de alguma coisa, não é só como se o Senhor concordasse em deixar passar nosso êrro, ou o desculpasse ou tentasse esquecer-se dêle... é como se nós nunca o tivéssemos cometido.

Tanto quanto se referir àquela particular transgressão, somos limpos, perdoados, livres. Aí está o milagre do verdadeiro arrependimento.

Arrependimento, para ser eficaz, precisa ser completo e sincero. Arrependimento temporário, arrependimento condicional, arrependimento com reservas, ... êstes não são absolutamente arrependimento verdadeiro.

Para nos arrependermos, precisamos reconhecer nosso êrro e nos sentirmos tristes pelo que fizemos, não tristes porque fomos apanhados ou porque as coisas não correram conforme planejadas, mas tristes pelo ato errado em si. Nós precisamos então emendar e pedir perdão, tanto à parte ofendida como de nosso Pai nos céus.

É no último passo que a prova do verdadeiro arrependimento se encontra. Sua essência é o abandonar, começar uma nova vida, com a ida para o caminho do Senhor e o afastamento do pecado. Se falharmos aqui, então nossa falha é completa e nosso “arrependimento” terá sido sômente um gesto fútil.

Arrependimento é uma coisa profunda e bela, e não deve ser procurada com petulância ou leviandade. Nenhum de nós está cima ou abaixo dêle. Êle concerne a cada um de nós, todos os dias de nossa vida.

Sacerdócio na Missões

(continuação da página 259)

tos físicos necessários, bem como vantagens educacionais para êle e sua família." (Melchizedec Priesthood Handbook, p. 30)

Como podemos guiar nossos irmãos a um estado de bem estar, a menos que os persuadamos a guardar os padrões da Igreja? Como poderíamos ajudar àqueles que precisam da assistência para melhorar a si mesmos com mais vantagem do que através da colocação em emprêgo e outras provisões do grande Plano de Bem-Estar da Igreja?

Por mais de três anos agora, uma grande parte do ênfase nos quoruns dos Sacerdócios de Melquizedec e Aarônico Sênior tem sido centralizado na reativação do sacerdócio. Alguma fase dêsse programa têm vindo à consideração em tôda reunião de liderança do sacerdócio, em tôdas as conferências de estaca durante aquêle período.

Os objetivos do programa de reativação no sacerdócio são:

1. Dar uma designação para cada irmão adulto, na Igreja. Não é antes que um irmão começa a dar de si mesmo em serviço que êle está realmente no caminho que leva à vida eterna.

2. Dirigir cada irmão do sacerdócio pelo caminho do progresso temporal e espiritual. O progresso temporal inclui o campo todo do Plano de Bem-Estar da Igreja; e progresso espiritual resulta de guardar os padrões de retidão pessoal encontrados no evangelho.

3. Ter tôda família casada ou selada nos tempos para a eternidade. A reativação no

sacerdócio não é completa até que a família tenha sido unida nessa santa ordem do matrimônio, uma ordem que inicia os membros da família no curso para a exaltação eterna na próxima vida.

4. Guiar os membros do quorum para a final vida eterna no céu mais elevado do mundo celestial.

A fim de conseguir êstes objetivos, espera-se que os líderes dos quoruns façam um levantamento de seus membros usando os cartões brancos preparados para tal. É esperado que êles consultem com os bispos e presidentes dos ramos numa tentativa de conseguir designação na Igreja para aquêles que precisavam. Êles são obrigados a conseguir tantos membros quanto possível para trabalhar nos projetos do quorum. Aquêles que não podem de outra maneira ser visitados, tornam-se um assunto da aproximação pessoal dos missionários. Solicita-se que um membro ativo e qualificado do quorum, em base confidencial trabalhe com um membro inativo, para fazer aproximações tais como sociais, fraternais, de negócios ou outras, conforme necessárias para suavizar e guiar o membro inativo até que êle aceite serviço na Igreja.

Enquanto houver "fracos" que precisem ser "fortalecidos", "doentes" que precisem ser "curados", "quebrados" que precisem ser "ligados", aquêles que se "desgarraram" e que precisam ser "trazidas de volta", e "perdidos" que necessitam ser "buscados" — haverá necessidade da reativação no sacerdócio.

Para que o Senhor não requeira de nossas mãos o sangue de nossos rebanhos, precisamos aprender o programa de reativação no sacerdócio e trabalhar zelosamente nele.

Prega a Palavra

(continuação da página 249)

um fariseu severo e antes de sua conversão um cruel perseguidor de todos que acreditavam em Jesus de Nazaré. Há uma citação do mais antigo e autêntico documento em existência relatando ou testificando a ressurreição de Cristo no qual nós encontramos as palavras de Saulo, (em Paulo), enviadas ao povo que havia ingressado na Igreja, a quem êle amava e que o amava, dizendo:

"Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras.

"E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.

"E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze.

"Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também.

"Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos.

“E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um nascido fora do tempo.

“Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus.” (I Cor. 15:3-9).

TESTEMUNHO DA REVELAÇÃO MODERNA

Como adicional ao dos apóstolos antigos, nós temos o testemunho do Profeta Joseph Smith que dá numa perfeita descrição o seguinte e espantoso testemunho em relação à sua primeira visão: “...Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé acima de mim, no ar. Um dêles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse apontando para o outro: “Este é o Meu Filho Amado. Ouvi-O.” (PGV, Joseph Smith 2:17). Estas palavras foram pronunciadas quase 2.000 anos depois dos acontecimentos para os quais já chamei sua atenção.

A CRENÇA DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Assim, meus caros companheiros na obra e meus amigos do mundo, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está ao lado de Pedro, de Paulo, de Tiago e de todos os outros apóstolos ao aceitar a ressurreição não somente como sendo um fato literalmente verdadeiro, mas também como sendo a consumação da Divina Missão de Cristo na terra. Outros grandes líderes religiosos entre as nações do mundo, desde o início da história, têm ensinado a virtude, a temperança, o auto-domínio, a ajuda, obediência, retidão e dever; alguns ensinaram a crença num guia Supremo e num mundo futuro, mas somente Cristo quebrou o sêlo da sepultura e revelou a morte como a porta da imortalidade e vida eterna.

Se Cristo viveu depois da morte, o mesmo acontecerá com os homens, e cada qual tomará seu lugar no mundo de acôrdo com as suas qualificações.

Já que sabemos que o amor é tão eterno quanto a vida, a mensagem da ressurreição é a mensagem mais confortante e mais glo-

riosa jamais dada ao homem; pois quando a morte nos tira um ente querido, nós podemos olhar com firmeza para a sepultura e podemos dizer: “Ele não está aqui; êle ressuscitará.”

Meus queridos companheiros na obra, é tão fácil para mim aceitar como verdade divina o fato de que Cristo pregou aos espíritos em prisão enquanto seu corpo jazia no túmulo da mesma forma que me é facultado olhar para vocês daqui dêste púlpito. É verdade! É tão fácil para mim reconhecê-lo, e notem isto — que um sêr possa viver de tal modo que êle receba impressões e mensagens diretas, mediante a inspiração divina. O véu que existe entre aquêles que possuem o sacerdócio e os mensageiros divinos que estão do outro lado é um véu bem fino.

Digamos hoje como Paulo escreveu a Timóteo: “Prega a palavra, faz o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério. (II Tim. 4:2,5).

“...O Senhor é Deus e fora d’Ele não há nenhum Salvador.

“Grande é a Sua sabedoria, maravilhosos os Seus caminhos, e a extensão das Suas obras ninguém pode descobrir.

“Seus propósitos não falham, nem há ninguém capaz de reter a Sua mão.

“De eternidade em eternidade Êle é o mesmo, e Seus anos nunca falham.

“Pois assim diz o Senhor — Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aquêles que Me temem, e Me deleito em honrar aquêles que Me servem em retidão e verdade até o fim.

“Grande será a sua recompensa e eterna a sua glória.” (D. + C. 76:1-6.)

Que Deus nos ajude nesta época tão ameaçada por uma ideologia de povos obscurecidos pela descrença em Deus nosso Pai, e pela descrença em Seu Filho Jesus Cristo e no Evangelho Restaurado. Peço que nos ajude através dêsses Personagens divinos, para que possamos pregar a Palavra, e para que possamos sempre ser sinceros nas nossas designações sejam elas quais forem, e onde quer que sejam, eu rogo em nome de Jesus Cristo.

Amém.

Traduzido por Ebe Bastos

Fé, Essa Conquistadora

(continua na página 263)

confiantes em sua reverência ao Grande Pai, pareceu-me digno de menção especial.

Um homem que viera com o Irmão Fuller contou-me, após a refeição, ter sabido que um de meus filhos fôra morto, em Santa Clara, pelo desmoronamento de um banco de terra, e parecia-lhe que fôra Lyman. Eu tive um sonho ou visão, naquela noite, na qual soube que fôra Duane em vez de Lyman, e isto relatei aos irmãos, pela manhã.

Três dias mais tarde chegamos às povoações, em Rio Virgem. A congregação dêsse povoado nos ofereceu animais novos, e suprimen-to abundante de comida. Pudemos então sentir acentuadamente a diferença entre banquetear e jejuar.

Logo que nos encontramos em casa, o Irmão Wm. B. Maxwell e eu levamos nossos três amigos Moquis à Cidade do Lago Salgado. Por onde quer que passássemos, as pessoas eram muito hospitaleiras e amáveis. Lá chegando, todos os meios possíveis foram empregados para instruir êsses homens a cêrea de nosso povo, e mostrar-lhes tudo que satisfizesse sua curiosidade e aumentasse seu conhecimento. Êles nos contaram que seus antepassados, conforme lhes fôra ensinado, também possuíam as artes de ler, escrever, compôr livros, etc.

Nós os levamos a um galês, o qual compreendia a língua galêsa arcaica, e o homem afirmou que não identificavam nada em sua linguagem que pudesse justificar a crença de que possuíam origem galêsa.

Como Lehi tinha prometido a José seu filho, que a sua semente não seria completamente destruída, pareceu aos irmãos que refletiram sôbre o assunto, que no povo Moquis foi cumprida essa promessa.

CAPÍTULO — XIII

Nós partimos de São Jorge no dia 18 de março de 1863, para acompanhar os visitantes Moquis à casa. O grupo era formado de 6 homens e os visitantes. Quando estava de partida, meu filho índio, Albert, veio a meu encontro, e eu chamei a atenção dêle para o fato de que as pereiras já estavam começando a florescer, e que teríamos mais calor do que de costume.

Ele replicou, "Sim, e eu florecerei em algum outro lugar, antes que você retorne. Estarei em missão!" (Êle sem dúvida referia-se com isso a uma visão que tivera, em que pregava o evangelho a uma multidão do seu povo.)

"Que quer dizer com isso?" perguntei.

"Que estarei morto e enterrado quando você voltar", replicou êle.

Seguimos de novo a rota do sul de São Jorge. Quando nos embrenhamos nessa direção, no outono anterior, havíamos esperado retornar pelo mesmo caminho, tendo nois escondido, na margem sul do rio, nosso barco e algumas provisões.

Chegando ali, construimos uma jangada de lenho sêco, na qual dois homens atravessaram o rio para ir buscar o barco. Êste estava em boas condições, mas os alimentos encontravam-se inteiramente arruinados.

Na outra margem, demos uma olhada para ver se descobríamos um ponto melhor de travessia, conforme nos haviam solicitado. E o descobrimos, umas cinco milhas acima, bem como um atalho melhor para acesso ao rio e retôrno ao novoado. Ê o local agora conhecido por Pierce's Ferry.

Fomos ali alcançados pelo senhor Lewis Greelev, sobrinho de Horace Greelev do Tribune de New York. Como êle mostrasse desejo de seguir conosco, o Irmão Snow fez um homem acompanhá-lo ao rio.

Tomamos pela trilha antiga até Seep Springs, a última água que veríamos, antes de atravessar por três dias a região desprovida de nascentes. No segundo e terceiro dia, encontramos dois acampamentos, que, a julgar pelos vestígios, chaleiras de acampar, canoalhas, etc., tinham sido desmanchados precipitadamente, talvez por causa dos Apaches. Achamos que eram acampamentos de mineiros.

No último, descobrimos alguns animais com marcas espanholas. Os Moquis desejaram levá-los e, depois de alguma deliberação, consentimos em que o fizessem.

Em Seep Springs havíamos nos deparado com um pequeno bando de Piutes, que fôra corrido de uma festa de Cohoneenes.

Como pretendíamos fazer tôdas as explorações possíveis, após consultar êsses Piutes e nossos amigos Moquis, concluímos por tomar a trilha que se embrenhava à esquerda da rota escolhida por nós na viagem anterior. Esta nos levaria, em caminho descendente, à garganta Cataract, que encabeça os picos do São Francisco.

Descemos durante um dia inteiro, a encosta de uma garganta, tendo os animais pela mão, a maior parte do tempo, devido à estreita e tortuosa natureza da trilha. À noite acampamos sem água.

Mais ou menos às dez horas da manhã seguinte, avistamos a garganta Main ou Cata-

ract. Estava ainda distante, na terra abaixo, e o regato que serpeava nas suas faldas salientava-se como uma fita prateada, brilhando ao sol.

Para alcançar êsse lugar, perecorremos, de certa feita, umas três milhas a fio, numa trilha laboriosamente talhada na superfície da rocha xistosa. Eu não me recordo de ter encontrado em tôda essa distância um lugar em que poderíamos ter virado nossos animais para retornar, se assim o desejássemos. Mais tarde ficamos sabendo que essa parte da trilha era considerada, pelos que habitavam perto da garganta, como seu melhor baluarte, naquêlo flanco.

Palmilhamos uma trilha muito tortuosa e difícil, até as quatro da tarde, antes de alcançarmos a água que fôra avistada seis horas antes. O regato revelou possuir umas cinquenta jardas de largura, e a profundidade média de um pé.

Era límpido e ligeiro, debruado por choupos que bortavam do fértil fundo de vale.

A base da garganta Cataeraet, como nos informa o Tenente Ives, em seu "Explorações do Colorado", fica 2.775 pés abaixo do nível geral do planalto superior. Nós avaliamos então a altura da garganta, na face que avistávamos, como sendo de mais ou menos a metade dessa distância.

As primeiras pessoas que encontramos, tinham sido informadas de nossa aproximação por um dos Moquis que enviáramos à frente. Enquanto falávamos com elas, mais gente começou a subir regato à cima, inquirindo-nos com aspereza sôbre o que pretendíamos lá. Logo pareceram satisfeitos com nossas respostas.

Em seguida teve início uma interessante conversação. Êles já me conheciam por minhas viagens, parecendo satisfeitos com o encontro. Pediram que eu não conduzisse ninguém ao esconderijo, particularmente sem seu consentimento.

Relataram-nos então que os cavalos encontrados pertenciam aos Walapies, e que se os deixássemos com êles, seriam devolvidos aos respectivos donos antes de nosso regresso. Permanecemos um dia com êsse novo, e na saída, seguimos pela garganta Main.

Êles haviam sido, pouco tempo antes, atacados em sua fortaleza por um bando de índios do sudeste, e nos revelaram o estreito desfiladeiro em que os haviam surpreendido, matando sete dêles.

Trinta milhas acima dali, contemplamos o regato a brotar do flanco da garganta, numa espaçosa e bonita nascente. Acima dêsse

lugar não encontramos mais nenhuma água. Subindo ainda umas nove milhas, contornamos a garganta à esquerda, e seguimos por duas milhas a picada que conduzia ao planalto superior.

Era uma vereda muito íngreme e tortuosa. É voz corrente que essas duas trilhas por nós percorridas, são o único meio de acesso à garganta Cataeraet. Com a informação que colhemos dos índios, calculámos a extensão do regato, desde sua nascente até o ponto em que deságua no rio Colorado, em mais ou menos dezoito milhas.

Devido a um mal-entendido, dois Moquis extraviaram-se, prosseguindo na trilha da garganta Main. Acampamos aquela noite sem ter encontrado água. Um dos Moquis, que ainda estava conosco, era chefe religioso entre seu povo. Êle começou a ficar muito preocupado com os companheiros, prevendo que não encontrariam o que beber. Celebrou então algumas cerimônias religiosas, as quais rogavam por seu retorno em segurança.

À noite, os extraviados alcançaram nosso acampamento. Haviam descoberto o engano a tempo, e retornando sôbre seus passos, encontraram nosso rastro e o seguiram. Nós possuíamos ainda um pouco de água reservada para saciar sua sede.

Eu deveria ter mencionado antes que êsses Moquis nunca enviavam quaisquer pessoas de seu grupo, em missão de interesse público, sem fazê-los acompanhar de um mestre religioso. A posição sustentada por êsses chefes, seria um remanescente, de caráter tradicional, do verdadeiro sacerdócio possuído por seus pais.

O homem que estava conosco carregava um pequeno saco, no qual havia um pouco de alimento, algodão, lã e penas de águia, consagrados. Ao saco estava atada ainda uma vareta da qual êle tomava, tôdas as manhãs, e após fitar o sol cravava-lhe uma pequena marca, assim guardando registro do número de dias dispendido na jornada.

Aquela rota ficava consideravelmente a norte da percorrida na excursão anterior. Um dia após havermos deixado a garganta Cataeraet, mais ou menos às quatro horas da tarde, descobrimos uma trilha marginal feita por animais selvagens. Seguindo-a algumas centenas de jardas, encontramos uma fonte de água pura.

Era o dia 7 de abril. Viajamos mais dois dias sem dar de beber a nossas montarias e acampamos onde já se podia avistar o Pequeno Colorado, mas localizado no fundo de um precipício, e portanto fora de nosso alcance. No dia seguinte, percorremos treze milhas da-

quêle precipício que marginava o rio, antes de atingi-lo, num local mais acessível. Lá acampamos.

Estávamos já a doze milhas da primeira cidade Moquis, na noite do dia 11. Os nossos amigos desejaram adiantar-se, e assim o fizeram, enquanto nós acampamos, esperando pela manhã.

Eles informaram os três irmãos que haviam permanecido entre o povo, de nossa aproximação, e na manhã seguinte, os irmãos vieram a nosso encontro. Eles rejubilaram-se grandemente em ver-nos, e receber notícias de suas famílias e amigos. Nós permanecemos lá durante dois dias.

Trazendo conosco os irmãos Haskell, Hatch e McConnell, na terça-feira, dia 15 de abril, partimos para o monte São Francisco, a umas noventa milhas em direção sudoeste. Nosso objetivo era encontrar a estrada Beal, que circunda a face sul dessa montanha.

A 20 de abril alcançamos-lhe o sopé meridional, para nos deparar com muita lenha, grama e neve que nos fornecia água. Os gamos eram ali abundantes, e não encontramos qualquer dificuldade em abater os que necessitávamos. No mesmo dia, o Sr. Greeley descobriu uma laguna de águas frias e límpidas, ocupando os vários acres da cratera de um pico vulcânico.

Dispndemos a segunda-feira, dia 12 de abril, explorando o terreno em diferentes direções. Descobrimos uma estrada para carroças que, ficou demonstrado, era aquela que o Capitão Beal tinha aberto. Já completaramos o circuito da montanha, e encontrávamos-nos na vertente norte, identificando a mencionada estrada seis milhas a oeste de La-reox Spring.

Ao aprontar a partida, no dia 22, matamos 2 antílopes e preparamos toda a sua carne.

Seguimos para oeste na estrada Beal, desde o dia 24 até o dia 28, quando a abandonamos para atravessar o deserto onde o Tenente Ives e seu grupo haviam padecido grande sede.

Nosso curso atingiu Seep Springs, já mencionado aqui como sendo o último acampamento que assentamos antes de penetrar na garganta Cataract.

Eu já estava há vinte e seis horas sem água e o Irmão Jehiel McConnell sentia-se tão exaurido que apenas podia sussurar. Todos, montarias e cavaleiros estávamos sendo severamente castigados pela sede. De Seep Springs buscamos o ponto de travessia do Colorado, a sul de São Jorge.

Certa vez, viajando dentro da noite, percebemos haver-nos desviado de nossa trilha. Prendemos alguns de nossos animais e atamos os outros a êles, esperando pelo amanhecer.

No decorrer da noite, algo que se assemelhava ao pio da coruja despertou nossa curiosidade. Dando-lhe maior atenção, compreendemos que o môcho estava contrafeito, e que índios se aproximavam em derredor, sendo preciso vigiar nossos animais.

Avancei numa trilha, à luz do luar, algumas centenas de jardas, e descobri as pegadas de dois índios. É desnecessário dizer que constatamos a perda de dez de nossas dezoito montarias.

Auxiliados por alguns Piutes, buscamos localizá-los no dia seguinte, mas fracassando, continuamos nossa jornada no dia 6 de maio. Dos nossos animais, cinco estavam carregados, sobrando-nos apenas três para montar. Como a companhia era formada de dez homens, cobrimos a pé a maior parte do caminho.

Foi-nos depois informado que, como os índios da garganta Cataract não haviam devolvido os cavalos dos Walapies, conforme o trato, êstes aproveitaram-se da desculpa para surripiar-nos os nossos.

Quando atingimos o rio, nossos pés estavam horrivelmente esfolados, mas havíamos aprendido a apreciar o valor dos animais perdidos.

Certo dia, em Grand Wash, entre o rio e São Jorge, padecendo muita sede, uma mula pôs-se a escavar o chão, depois de farejá-lo. Nós concluimos que ela cheirava água sob o solo, e cavando uns três pés a encontramos em grande abundância. Desde então tem sempre havido água lá, e o local denomina-se White Spring.

(continua no próximo mês)





PRECES PARA AQUECER CORAÇÕES FRIOS

por Leland H. Monson

A invocação ou prece inicial, nos serviços de nossa Igreja, deveria ser destinada a aquecer corações frios e concentrar mentes distraídas. Aquecer corações, frios para a Divindade e para os conceitos espirituais que Dela emanam, e fastá-los dos prazeres mundanos não é uma obra fácil.

As pessoas entram em nossas reuniões de Santos dos Últimos Dias, preocupadas com as ocupações e inquietações decorrentes de suas atividades neste mundo.

O pai está concentrado em ganhar o sustento do lar, planejar o pagamento das contas mensais, das despesas de casa, do novo carro ou do tapêto da sala da frente.

A mãe está pensando na preparação final do assado para domingo e da torta para o jantar.

Os jovens, cheios de idéias sobre a vida, estão preocupados com relações de amizade entre seus colegas, com encontros que podem resultar em momentos agradáveis para eles.

E mesmo as criancinhas pensam em muitas outras coisas estranhas aos serviços religiosos, talvez em seus cachorros e gatos, seus brinquedos, suas travessuras.

Para dirigir a atenção do grande Deus que guarda e sustem o universo para essas muitas coisas mundanas, nós temos o mágico poder da oração. Ela deveria ser usada para criar ações e práticas certas dentro da Igreja.

Nosso primeiro dever ao orar, de certo, é dirigirmo-nos ao Autor e Doador de tudo. Isto deve ser seguido por compararmos nossas fraquezas com Sua perfeição e poder. Alma sentiu a necessidade dessa espécie de oração quando escreveu: "Não digas: Oh Deus, eu Te agradeço por estarmos melhor que nossos irmãos; mas antes diz: Senhor, perdoai minha indignidade e tem misericórdia de meus irmãos — sim, reconhece sempre tua indignidade perante Deus."

O completo reconhecimento de nossas imperfeições traz humildade, faz-nos curvar nos-

sas cabeças em reverência diante do trono da graça, e torna-nos realmente dóceis. Então, nós poderemos expressar nossa apreciação a respeito das várias bênçãos temporais e espirituais, que Deus nos tem dado. Nós Lhe agradecemos pelo conforto e oportunidades da vida, por nossas casas, nossos meios de comunicação e transporte, pela glória da liberdade, por nossas reuniões familiares, por nossa nobre herança através de Israel, pelos ensinamentos do Mormonismo através dos quais formamos homens e mulheres de primeira classe, pelo sacerdócio que possuímos, e pelo serviço Sacramental — o “nunca me esqueças” de Cristo.

O humilharmo-nos diante da Divindade e expressarmos nossa gratidão pelo grande número de bênçãos que nos tem dado, aquece corações e concentra mentes distraídas pelas necessidades do momento.

Após reconhecer nossas fraquezas e expressar nosso aprêço a Deus por Seu vigilante cuidado a nós dispensado, prosseguimos pedindo bênçãos sobre todos os freqüentadores da Escola Dominical ou outras atividades da Igreja.

Desejamos que nossas mentes e corações recebam a mensagem diária. Queremos estar aptos a nos integrar no ambiente espiritual presente em nossas atividades iniciais e nas classes. Precisamos ter nossa fé em Deus tão fortalecida que todos os nossos padrões de conduta irão seguir mais estritamente os conceitos descritos pelo Senhor em Seu Sermão da Montanha.

Nós devemos criticar menos os outros e sermos mais capazes e desejosos de nos avaliarmos sinceramente. Nós queremos criar nos serviços da Igreja um ambiente espiritual que resulta de voltarmos nossos olhos para os mais elevados horizontes — para Deus e Seu trono de graça. Nós precisamos de alguém que desperte em nós o desejo de colocar as coisas mais importantes em primeiro lugar, alguém que nos faça sentir a primazia de nossa existência espiritual.

Tal prece, dirigida ao nosso Pai Celestial, e encerrada em nome de Jesus, Seu único Filho concebido na carne, aqueceria corações frios para as coisas espirituais e concentraria os pensamentos em Deus e Seus desígnios a nós concernentes.

SEU RAMO

RAMO DE PINHEIROS

Tão novo quanto Brasília, o ramo de Pinheiros já está em franco desenvolvimento, tôdas as auxiliares da Igreja em pleno funcionamento. Assim sendo, a Escola Dominical já tem uma freqüência formidável e também a Escola Dominical Junior que é tão grande quanto a outra.

A Sociedade de Socorro, conta com cêrca de 20 sócias, e já possui sua sala decorada para as senhoras sentirem-se satisfeitas quando ali reunidas. Há no ramo uma grande cosinha, e será usada brevemente para as aulas de culinária.

A Primária também já está progredindo, tem sua sala com bancos, decorada com quadros atrativos às crianças, que por sua vez sentem-se à vontade quando lá estão.

As reuniões sacerdotais têm tido boa freqüência, pois os adultos e jovens rapazes sentem a grande responsabilidade e dever para com o Sacerdócio.

A A.M.M. já está trabalhando para as atividades dos sábados. Suas reuniões têm sido simples e sinceras, com uma freqüência média de 25 pessoas em cada reunião. No dia 4 de junho, realizou-se a primeira reunião, com uma boa freqüência e com brincadeiras, sendo servidos, no final, bolos e salgadinhos que as senhoras da Sociedade de Socorro trouxeram; o dia 11 de junho foi um ponto alto, com a realização do grande “Baile dos Namorados” da A.M.M. do Distrito de São Paulo e Comitê da 3.^a Conferência dos jovens, com freqüência média de 200 pessoas. O salão princi-



pal estreou belamente decorado pelo ramo de Pinheiros, e também foram servidos doces e salgados. No dia 18 tivemos uma A.M.M. bem alegre e divertida, com um programa diferente de Oratória; no dia 25, depois da aula, de que foi assunto a Conferência dos Jovens, realizamos na segunda parte um pequeno baile, no hall da capela.

Dia 26 de junho, depois da reunião sacramental, a A.M.M. programou um concorrido Serão Dominical, com 32 pessoas presentes, o qual esteve formidável, sendo servidos gostosos petiscos ao final, oferecidos pela aniversariante, srta. Marlene de Oliveira que completou sua oitava primavera.

A tarde, no dia 29, realizamos a “Festa Junina”, com a presença de várias pessoas e missionários. Ha-

via muita comida típica e muito cachorro quente. Esteve alegre, e seu encerramento deu-se às 21:30 horas.

Esta é a nossa primeira reportagem do novíssimo ramo de Pinheiros, que cada vez cresce mais, pois breve nos mudaremos para a capela nova e precisaremos de bastante irmãos. Quem desejar visitar-nos, procure-nos à Rua Atlântica, n.º 646, Jardim América.

Benedito Louzada.

RAMO DE PORTO ALEGRE — 2

Hoje, dia 14 de maio, foi o dia mais importante da vida de nossa irmã Marina Pereira da Cunha, esposa do Irmão Clementino Agra, pois ingressou nas nas águas do batismo. A êsse novo membro do Reino de Deus os nossos parabéns.

Nêsse mesmo dia, foi apresentada pela A.M.M. a festa que tomou o nome de "Canta que a Vida é Bela", à qual compareceram umas 50 pessoas.

Realizou-se no quintal, que já estava preparado com uma faixa alusiva e uma fogueira.

Para iniciar todos cantaram: "Noites do Rio Grande do Sul", "Meu Limão Meu Limoeiro", e "Luar do Sertão".

A seguir Nelson Delvaux e João Burnett nos divertiram com uma esquete cômica. Nêsse ponto, tivemos a grata surpresa de aplaudir oito rapazes e moças do Clube de Tradições Gauchas, Glória Tênis Club, que a todos encantaram com a apresentação de danças folclóricas, esquetes e canções do "pago", e nos convidaram a comparecer a uma festa no seu "Galpão". A êles nosso especial agradecimento pela bondade.

Durante a festa houve farta distribuição de pinhões assados e amendoim torrado.

Foi uma promoção de verdadeiro êxito.

Leury F. C. Hardsesem.

1.º CONGRESSO DA A.M.M. DISTRITO DE SÃO PAULO

Sob a magnífica orientação que a Missão Brasileira vem recebendo do Presidente Bangerter, nós que trabalhamos no Comitê da A.M.M., tivemos o privilégio de organizar e participar do 1.º Congresso dessa organização, o qual foi realizado no Distrito de São Paulo, no dia 25 de junho.

Todos os ramos atenderam ao nosso convite, e temos a destacar o "novo" Ramo de Pinheiros, que compareceu com um número de 17 pessoas, seguindo-se os Ramos de Centro, V. Mariana, Penha, Santana, Santo Amaro, e Campinas.

Apenas temos a notar a ausência de Santo André, Sorocaba e Jundiáí.

Os oficiais da A.M.M. que ali estavam puderam, cremos nós, aproveitar alguma instrução, e alguns conselhos, os quais são de grande utilidade para nós, que ora lideramos os jovens da Igreja de Jesus Cristo.

Aos que ali estiveram, estendemos nossos agradecimentos e nossa admiração, porque, além de seus dotes, ainda ouberam responder à grande responsabilidade que lhes pesa sôbre os ombros.

Usem o que aprenderam, e o sucesso estará com todos vocês.

Comitê da A.M.M.

Reminiscências

MISSIONÁRIOS DESOBRIGADOS DA MISSÃO BRASILEIRA



Elder
Carl R. Bonney



Elder
Max J. Merrel



Elder
Carl L. King



Sister
Hylka M. Marinho

Recreação

Espelho de Nossa Crença

por Harold Glen Clark



A recreação poderá ter vários significados para os pais Santos dos Últimos Dias, mas no entanto, todos concordamos que ela é a expressão daquilo que gostamos de fazer fora das horas de labor ou estudo. Esta manifestação representa a oportunidade de renovar nossas fôrças e refrescar nossos espíritos.

Aquilo que expressarmos terá então brotado diretamente de nossas crenças básicas. A recreação reflete os pensamentos acalentados por um homem no âmago de seu coração. Então, a crença na palavra de sabedoria como conselho de nosso Pai Celestial, ou a certeza de que somos Seus filhos espirituais, com a pre-mência divina de espontaneidade, riso, aventura e criatividade, determinam, em parte, o tipo de recreação que escolhemos.

Para um Santo dos Últimos Dias a diversão não é um problema secundário. Muitas atividades recreativas são planejadas deliberadamente, buscando o equilíbrio e o desenvolvimento através de melhor e mais satisfatória expressão daquilo em que realmente cremos. Esta capacidade de apreciar diversões deve ser cultivada. Tal atitude situa-se em plano diretamente oposto à filosofia da procura de atividades para "matar tempo", a qual provê uma fuga temporária da rotina, conduzindo a escapadas baratas "que nos façam esquecer de tudo", mas que nos deixarão exaustos na manhã seguinte.

Uma recreação que envolva nossa família, merecerá de nós a mais atenta e imediata consideração. A vida familiar proporciona largas oportunidades de horas recreativas para tôdas as idades e estações. O divertimento em família ajuda o pai, a mãe e as crianças a se apreciarem mais uns aos outros, mas êsse objetivo nunca se concretiza a menos que êle seja deliberadamente considerado e integrado em nossa agenda.

A começar do Presidente Joseph F. Smith tôda a Primeira Presidência da Igreja nos tem sempre encorajado a estabelecer a noite familiar como uma das formas de recreação nos lares dos Santos dos Últimos Dias. Mas a alegria e o sucesso dessas reuniões apenas são alcançados quando as planejamos com antecedência.

Passando da recreação em família para a recreação na Igreja, vemos nesse particular uma sábia preparação dos divertimentos para cada grupo de idade.

Como é bom e compreensivo o nosso Pai dos Céus, por proporcionar a todos os Seus filhos a necessidade de recreação legítima. E como é importante para os pais trabalhar lado a lado com a Igreja!

Desenvolvendo-se através da larga variedade de atividades recreativas da Igreja, está o espírito da prece e da adoração de Deus. Oratória, dança, esportes, atletismo, drama e música são divertimentos que trazem espiritualidade.

Em todos êsses tipos de recreação, os pais Santos dos Últimos Dias vêem oportunidade de moldar pessoas. Nós buscamos o tipo de divertimento que torna forte o espírito e o corpo do homem, constituindo-se na expressão da vida em seu lado melhor.



Devolver a
A LIAHONA

Caixa Postal 862 — São Paulo, Est. S. P.
Não sendo reclamada dentro de 30 dias.

PORTE PAGO